

## IV

## PRIMEIROS LABORES APOSTÓLICOS

Transformado em rude operário, Saulo de Tarso apresentava notável diferença fisionômica. Acentuara-se-lhe a feição de asceta. Os olhos, contudo, denunciavam o homem ponderado e resolutivo, revelavam igualmente uma paz profunda e indefinível.

Compreendendo que a situação não lhe permitia idealizar grandes projetos de trabalho, contentava-se em fazer o que lhe fôsse possível. Sentia prazer em testemunhar a mudança de conduta aos antigos camaradas de triunfo, por ocasião das festividades tarsenses. Orgulhava-se quasi, de viver do modesto rendimento do seu árduo labor. Vezes várias, ele proprio atravessava as praças mais frequentadas, carregando pesados fardos de pêlo caprino. Os conterrâneos admiravam a atitude humilde, que era agora o seu traço dominante. As famílias ilustres contemplavam-no com piedade. Todos os que o conheceram na fase aurea da juventude, não se cansavam de lamentar aquela transformação. A maioria tratava-o como alienado pacífico. Por isso, nunca faltavam encomendas ao tecelão das vizinhanças do Taurus. A simpatia dos seus concidadãos, que jamais lhe compreenderiam integralmente as idéias novas, tinha a virtude de amplificar seu esforço, aumentando-lhe os poucos recursos. Ele, por sua vez, vivia tranquilo e satisfeito. O programa de Abigail constituia permanente mensagem ao seu coração. Levantava-se, todos os dias, procurando amar a tudo e a todos; para

prosseguir nos caminhos rétos, trabalhava ativamente; se lhe chegavam desejos ansiosos, inquietações para intensificar suas atividades fóra do tempo apropriado, buscava esperar; se alguém dele se compadecia, se outros o apelidavam de louco, desertor ou fantasista, procurava esquecer a incompreensão alheia com o perdão sincero, refletindo nas vezes muitas que, também ele, ofendera aos outros, por ignorancia. Estava sem amigos, sem afetos, suportando os desencantos da soledade que parecia sem fim; mas, para confortar-se, considerava que, se não tinha companheiros carinhosos, também não necessitava temer os sofrimentos oriundos das amizades infidas. Procurava encontrar no dia o colaborador valioso que não lhe subtraía as oportunidades. Com ele tecia tapetes complicados, barracas e tendas, exercitando-se na paciência indispensável aos trabalhos outros que ainda o esperavam nas encruzilhadas da vida. A noite era a benção do espirito. A existencia corria sem outros pormenores de maior importancia, quando, um dia, foi surpreendido com a visita inesperada de Barnabé.

O ex-levita de Chipre encontrava-se em Antióquia, a braços com sérias responsabilidades. A igreja ali fundada reclamava a cooperação de servos inteligentes. Inúmeras dificuldades espirituais a serem resolvidas, intensos serviços a fazer. A instituição fóra iniciada por discípulos de Jerusalém, sob os alvites generosos de Simão Pedro. O ex-pescador de Cafarnaum ponderou que deveriam aproveitar o período de calma, no capítulo das perseguições, para que os laços de Cristo fossem dilatados. Antióquia era dos maiores centros operários. Não faltavam contribuintes para o custeio das obras, porque o empreendimento grandioso tivera repercussão nos ambientes de trabalho mais humildes; entretanto, escasseavam os legítimos trabalhadores do pensamento. Ainda aí, entrou a compreensão de Pedro para que não faltasse ao tecelão de Tarso o ensejo devido. Observando as dificuldades, depois de indicar Barnabé para a direção do núcleo do "Caminho", aconselhou-o a procurar o convertido de Damasco, a-fim-de que sua ca-

pacidade alcançasse um campo novo de exercício espiritual.

Saulo recebeu o amigo com imensa alegria.

Vendo-se lembrado pelos irmãos distantes, tinha a impressão de receber um novo alento.

O companheiro expôs o elevado plano da igreja que lhe reclamava o concurso fraterno, o desdobramento dos serviços, a colaboração constante de que poderiam dispôr para a construção das obras de Jesus Cristo. Barnabé exaltou a dedicação dos homens humildes que cooperavam com ele. A instituição, todavia, reclamava irmãos dedicados, que conhecessem profundamente a Lei de Moisés e o Evangelho do Mestre, a-fim-de não ser prejudicada a tarefa da iluminação intelectual.

O ex-rabino edificou-se com a narração do outro e não teve dúvidas em atender ao apêlo. Apenas, apresentava uma condição, qual a de prosseguir no seu officio, de maneira a não ser pesado aos seus confrades de Antióquia. Inútil qualquer objeção de Barnabé, nesse sentido.

Pressuroso e prestativo, Saulo de Tarso em breve se instalava em Antioquia, onde passou a cooperar ativamente com os amigos do Evangelho. Durante largas horas do dia, concertava tapetes ou se entretinha no trabalho de tecelagem. Destarte, ganhava o necessário para viver, tornando-se um modelo no seio da nova igreja. Utilizando o grande cabedal de experiencias já adquirido nas refregas e padecimentos do mundo, jamais o viam ocupar os primeiros lugares. Nos Atos dos Apóstolos, vemos-lhe o nome citado sempre por último, quando se referem aos colaboradores de Barnabé. Saulo havia aprendido a esperar. Na comunidade, preferia os labores mais simples. Sentia-se bem, atendendo aos doentes numerosos. Recordava Simão Pedro e procurava cumprir os novos deveres na pauta da bondade despretenciosa, embora imprimindo em tudo o traço da sua sinceridade e franqueza, quasi ásperas.

A igreja não era rica, mas a boa vontade dos componentes parecia provê-la de graças abundantes.

Antioquia, cidade cosmopolita, tornara-se um fóco

de grandes devassidões. Na sua paisagem enfeitada de mármore preciosos, que deixavam estrever a opulencia dos habitantes, proliferava toda a espécie de abusos. Os fortuneiros entregavam-se aos prazeres licenciosos, desenfreadamente. Os bosques artificiais reuniam assembléias galantes, onde criminosa indiferença caracterizava todos os propositos. A riqueza pública ensejava grandes possibilidades ás extravagancias. A cidade estava cheia de mercadores que se guerreavam sem tréguas, de ambições inferiores, de dramas passionais. Mas, diariamente, á noite reuniam-se, na casa singela onde funcionava a célula do "Caminho", grandes grupos de pedreiros, de soldados paupérrimos, de lavradores pobres, ansiosos todos pela mensagem de um mundo melhor. As mulheres de condição humilde compareciam, igualmente, em grande número. A maioria dos frequentadores interessava-se por conselhos e consolações, remédios para as chagas do corpo e do espirito.

Geralmente, eram Barnabé e Manahen os prégadores mais destacados, ministrando o Evangelho ás assembléias heterogeneas. Saulo de Tarso limitava-se a cooperar. Ele mesmo notara que Jesus, por certo, recomendara absoluto recomêço em suas experiencias. Certa feita, fez o possível por conduzir as prégações gerais, mas nada conseguiu. A palavra, tão facil noutros tempos, parecia retrair-se-lhe na garganta. Compreendeu que era justo padecer as torturas do reinício, em virtude da oportunidade que não soubera valorizar. Não obstante as barreiras que se antepunham ás suas atividades, jamais se deixou avassalar pelo desanimo. Se ocupava a tribuna, tinha extrema dificuldade na interpretação das idéias mais simples. Por vezes, chegava a corar de vergonha ante o público que lhe aguardava as conclusões com ardente interesse, dada a fama de prégador de Moisés, no Templo de Jerusalém. Além disso, o sublime acontecimento de Damasco cercava-o de nobre e justa curiosidade. O proprio Barnabé, várias vezes, surpreendera-se com a sua dialética confusa na interpretação dos evangelhos e refletia na tradição do seu passado como rabino, que não chegara a conhecer pessoalmente,

e na timidez que o assomava, justo no momento de conquistar o público. Por esse motivo, foi afastado discretamente da prégação e aproveitado noutros misteres. Saulo, porém, compreendia e não desanimava. Se não era possível regressar, de pronto, ao labor da prégação, preparar-se-ia, de novo, para isso. Nesse intuito, retinha irmãos humildes na sua tenda de trabalho e, enquanto as mãos teciam com segurança, entabulava conversas sobre a missão do Cristo. A' noite, promovia palestras na igreja com a cooperação de todos os presentes. Enquanto não se organizava a direção superior para o trabalho das assembléias, sentava-se com os operários e soldados que compareciam em grande numero. Interessava a atenção das lavadeiras, das jóvens doentes, das mães humildes. Lia, ás vezes, trechos da Lei e do Evangelho, estabelecia comparações, provocava pareceres novos. Dentro daquelas atividades constantes, a lição do Mestre parecia sempre tocada de luzes progressivas. Em breve, o ex-discípulo de Gamaliél tornava-se um amigo amado de todos. Saulo sentia-se imensamente feliz. Tinha enorme satisfação sempre que via a tenda pobre repleta de irmãos que o procuravam, tomados de simpatia. As encomendas não faltavam. Havia sempre trabalho suficiente para não se tornar pesado a ninguém. Ali conheceu Trófimo, que lhe seria companheiro fiél em muitos transes difíceis; ali abraçou Tito pela primeira vez, quando esse abnegado colaborador mal saía da infancia.

A existencia, para o ex-rabino, não podia ser mais tranqüila nem mais bela. Era-lhe o dia cheio das notas harmoniosas do trabalho digno e construtivo; á noite, recolhia-se á igreja em companhia dos irmãos, entre-gando-se prazenteiro ás lides sublimes do Evangelho.

A instituição de Antioquia era, então, muito mais sedutora que a propria igreja de Jerusalém. Viviam ali num ambiente de simplicidade pura, sem qualquer preocupação com as disposições rigoristas do judaísmo. Havia riqueza, porque não faltava trabalho. Todos amavam as obrigações diuturnas, aguardando o repouso da noite nas reuniões da igreja, como uma benção de Deus.

Os israelítas, distantes do fóco das exigencias farisáicas, cooperavam com os gentios, sentindo-se todos unidos por soberanos laços fraternais. Rarissimos os que falavam na circuncisão e que, por constituírem fraca minoria, eram contidos pelo convite amoroso á fraternidade e á união. As assembléias eram dominadas por ascendentes profundos de amor espiritual. A solidariedade estabele-cera-se com fundamentos divinos. As dores e os júbilos de um pertenciam a todos. A união de pensamentos em tórno de um só objetivo dava ensejo a formosas manifestações de espiritualidade. Em noites determina-das, havia fenómenos de "vozes diretas". A instituição de Antioquia foi um dos raros centros apostólicos onde semelhantes manifestações chegaram a atingir culminancia indefinível. A fraternidade reinante justificava essa concessão do céu. Nos dias de repouso, a pequena comunidade organizava estudos evangélicos no campo. A interpretação dos ensinios de Jesus era levada a efeito em algum recanto ameno e solitário da natureza, quasi sempre ás margens do Orontes.

Saulo encontrara em tudo isso um mundo diferente. A permanencia em Antioquia era interpretada como um auxilio de Deus. A confiança recíproca, os amigos dedicados, a boa compreensão, constituem alimento sagrado da alma. Procurava valer-se da oportunidade, a-fim-de enriquecer o celeiro íntimo.

A cidade estava repleta de paisagens morais menos dignas, mas o grupo humilde dos discípulos anónimos aumentava sempre em legítimos valores espirituais.

A igreja tornou-se veneravel por suas obras de caridade e pelos fenómenos de que se constituíra organismo central.

Viajantes ilustres visitavam-na cheios de interesse. Os mais generosos faziam questão de lhe amparar os encargos de benemerencia social. Foi aí que surgiu, certa vez, um médico muito jóvem, de nome Lucas. De passagem pela cidade, aproximou-se da igreja animado por sincero desejo de aprender algo de novo. Sua aten-ção fixou-se, de modo especial, naquele homem de apa-rencia quasi rude, que fermentava as opiniões, antes

que Barnabé empreendesse a abertura dos trabalhos. Aquelas atitudes de Saulo, evidenciando a preocupação generosa de ensinar e aprender simultaneamente, impressionaram-no a ponto de apresentar-se ao ex-rabino, desejo de ouvi-lo com mais frequência.

— Pois não — disse o Apóstolo satisfeito — minha tenda está ás suas ordens.

E enquanto permaneceu na cidade, ambos se empenhavam diariamente em proveitosas palestras, concernentes ao ensino de Jesus. Retomando aos poucos seu poder de argumentação, Saulo de Tarso não tardou a incutir no espírito de Lucas as mais sadias convicções. Desde a primeira entrevista, o hóspede de Antioquia não mais perdeu uma só daquelas assembléias simples e construtivas. Na véspera de partir, fez uma observação que modificaria para sempre a denominação dos discípulos do Evangelho.

Barnabé havia terminado os comentarios da noite, quando o médico tomou a palavra para despedir-se. Falava emocionado e por fim considerou acertadamente:

— Irmãos, afastando-me de vós, levo o proposito de trabalhar pelo Mestre, empregando nisso todo o cabedal de minhas fracas fôrças. Não tenho dúvida alguma quanto á extensão deste movimento espiritual. Para mim, ele transformará o mundo inteiro. Entretanto, pondero a necessidade de imprimirmos a melhor expressão de unidade ás suas manifestações. Quero referir-me aos títulos que nos identificam a comunidade. Não vejo na palavra "caminho" uma designação perfeita, que traduza o nosso esforço. Os discípulos de Cristo são chamados "viajores", "peregrinos", "caminheiros". Mas ha viandantes e estradas de todos os matizes. O mal tem, igualmente, os seus caminhos. Não seria mais justo chamarmo-nos — cristãos — uns aos outros? Este título nos recordará a presença do Mestre, nos dará energia em seu nome e caracterizará, de modo perfeito, as nossas atividades em concordancia com os seus ensinios.

A sugestão de Lucas foi aprovada com geral alegria. O proprio Barnabé abraçou-o, enternecidamente,

agradecendo o acertado alvitre, que vinha satisfazer a certas aspirações da comunidade inteira. Saulo consolidou suas impressões excelentes, a respeito daquela vocação superior que começava a exteriorizar-se.

No dia seguinte, o novo convertido despediu-se do ex-rabino com lágrimas de reconhecimento. Partiria para a Grécia, mas fazia questão de lembra-lo em todos os pormenores da nova tarefa. Da porta de sua tenda rústica, o ex-doutor da Lei contemplou o vulto de Lucas até que desaparecesse ao longe e voltou ao tear, de olhos húmidos. Gratamente emocionado reconhecia que, no trato do Evangelho, aprendera a ser amigo fiél e dedicado. Cotejava os sentimentos de agora com as concepções mais antigas e verificava profundas diferenças. Outrora, suas relações se prendiam a conveniencias sociais, os afeiçoados vinham e iam-se sem deixar grandes sinais em sua alma vibrátil; agora o coração renovara-se em Jesus Cristo, tornara-se mais sensível em contacto com o divino, as dedicações sinceras insculpam-se nele para sempre.

O alvitre de Lucas estendeu-se rapidamente a todos os nucleos evangélicos, inclusive Jerusalém, que o recebeu com especial simpatia. Dentro de breve tempo, em toda parte, a palavra "cristianismo" substituiu a palavra "caminho".

A igreja de Antioquia continuava oferecendo as mais belas expressões evolutivas. De todas as grandes cidades afluíam colaboradores sinceros. As assembléias estavam sempre cheias de revelações. Numerosos irmãos profetizavam, animados do Espírito Santo (1). Foi aí que Agabo, grande inspirado pelas fôrças do plano superior, recebeu a mensagem referente ás tristes provações de que Jerusalém seria vítima. Os orientadores da instituição ficaram sobremaneira impressionados. Por insistencia de Saulo, Barnabé expediu um mensageiro

(1) Ninguém deverá ignorar que Espírito Santo designa a legião dos espíritos santificados na luz e no amor, que cooperam com o Cristo desde os primeiros tempos da humanidade. — (Nota de EMMANUEL).

a Simão Pedro, enviando notícias e exortando-o á vigilância. O emissario regressou, trazendo a impressão de surpresa do ex-pescador, que agradecia os apelos generosos.

Com effeito, daí a meses, um portador da igreja de Jerusalém chegava apressadamente á Antioquia, trazendo notícias alarmantes e dolorosas. Em longa missiva, Pedro relatava a Barnabé os últimos fatos que o acabrunhavam. Escrevia na data em que Tiago, filho de Zebedeu, sofrera a pena de morte, em grande espetáculo público. Herodes Agripa não lhe tolerara as prêgações cheias de sinceridade e apêlos justos. O irmão de João vinha da Galiléia com a primitiva franqueza dos anúncios do novo Reino. Inadaptado ao convencionalismo farisáico, levava muito longe o sentido de suas exortações profundas. Verificou-se perfeita repetição dos acontecimentos que assinalaram a morte de Estevam. Os judeus exasperaram-se contra as noções de liberdade religiosa. Sua attitude, sincera e simples, foi levada á conta de rebeldia. Tremendas perseguições irromperam sem trêguas. A mensagem de Pedro relatava tambem as penosas dificuldades da igreja. A cidade sofria fome e epidemias. Enquanto a perseguição cruel apertava o cêrco, inumeraveis filhas de famintos e doentes batiam-lhe ás portas. O ex-pescador solicitava de Antioquia os socorros possiveis.

Barnabé apresentou as notícias, de alma confrangida. A laboriosa comunidade solidarizou-se, de bom grado, para atender a Jerusalém.

Recolhidas as quotas de auxilio, o ex-levita de Chipre prontificou-se a ser o portador da resposta da igreja; Barnabé, porém, não poderia partir só. Surgiram dificuldades na escolha do companheiro necessário. Sem hesitar, Saulo de Tarso ofereceu-se para lhe fazer companhia. Trabalhava por conta própria — explicou aos amigos — e desse modo poderia tomar a iniciativa de acompanhar Barnabé, sem esquecer as obrigações que ficavam á sua espera.

O discípulo de Simão Pedro alegrou-se. Aceitou, jubiloso, o oferecimento.

Daí a dois dias, ambos demandavam Jerusalém corajosamente. A jornada era assaz difficil, mas os dois venceram os caminhos no menor prazo de tempo.

Imensas surpresas aguardavam os emissários de Antioquia, que já não encontraram Simão Pedro em Jerusalém. As autoridades haviam efetuado a prisão do ex-pescador de Cafarnaum, logo após a dolorosa execução do filho de Zebedeu. Amargas provações haviam caído sôbre a igreja e seus discípulos. Saulo e Barnabé foram recebidos especialmente por Prócoro, que os informou de todos os sucessos. Por haver solicitado pessoalmente o cadaver de Tiago para dar-lhe sepultura, Simão Pedro fôra preso sem compaixão e com todo desrespeito, pelos criminosos sequazes de Herodes. Mas, dias depois, um anjo visitara o cárcere do Apóstolo, restituindo-o á liberdade. O narrador referiu-se ao feito, com os olhos fulgurantes de fé. Contou o júbilo dos irmãos quando Pedro surgiu á noite com o relato da sua libertação. Os companheiros mais ponderados induziram-no, então, a sair de Jerusalém e esperar na igreja incipiente de Joppe a normalidade da situação. Prócoro contou como o Apóstolo relutara em aquiescer a esse alvitre dos mais prudentes. João e Felipe haviam partido. As autoridades apenas toleravam a igreja em consideração á personalidade de Tiago, que, pelas suas attitudes de profundo ascetismo impressionava a mentalidade popular, criando em tórno dele uma atmosfera de respeito intangível. Na mesma noite da libertação, por atender-lhe a insistencia, Pedro fôra conduzido á igreja pelos amigos. Desejava ficar, despreocupado das consequencias; mas, quando viu a casa cheia de enfêrmos, de famintos, de mendigos andrajosos, houve de ceder a Tiago a direção da comunidade e partir para Joppe, a-fim-de que os pobresinhos não tivessem a situação agravada por sua causa.

Saulo mostrava-se grandemente impressionado com tudo aquilo. Junto de Barnabé, tratou logo de ouvir a palavra de Tiago, o filho de Alfeu. O Apóstolo recebeu-os de bom grado mas, podiam-se-lhe notar desde logo os receios e inquietações. Repetiu as informações de

Prócoro, em voz baixa, como se temesse a presença de delatores; alegou a necessidade de transigência com as autoridades; invocou o precedente da morte do filho de Zebedeu; referiu-se ás modificações essenciais que introduzira na igreja. Na ausencia de Pedro, criara novas disciplinas. Ninguem poderia falar do Evangelho sem referir-se á Lei de Moisés. As prégações só poderiam ser ouvidas pelos circuncisos. A igreja estava equiparada ás sinagogas. Saulo e o companheiro ouviram-no com grande surpresa. Entregaram-lhe em silencio o auxílio financeiro de Antioquia.

A ausencia eventual de Simão transformara a estrutura da obra evangélica. Aos dois recém-chegados tudo parecia inferior e diferente. Barnabé, sobretudo, anotara algo, em particular. E' que o filho de Alfeu, elevado á chefia provisória, não os convidou para se hospedarem na igreja. A' vista disso, o discípulo de Pedro foi procurar a residencia de sua irmã Maria Marcos, mãe do futuro evangelista, que recebeu a ambos, com grande júbilo. Saulo sentiu-se bem no ambiente de fraternidade pura e simples. Barnabé, por sua vez, reconheceu que a casa da irmã se tornara o ponto predileto dos irmãos mais dedicados ao Evangelho. Ali se reuniam, á noite, ás ocultas, como se a verdadeira igreja de Jerusalém houvesse transferido sua séde para um reduzido círculo familiar. Anotando as assembléias íntimas do santuário doméstico, o ex-rabino recordou a primeira reunião de Damasco. Tudo era afabilidade, carinho, acolhimento. A mãe de João Marcos era uma das discípulas mais desassombradas e generosas. Reconhecendo as dificuldades dos irmãos de Jerusalém, não vacilara em colocar seus bens á disposição de todos os necessitados, nem hesitou em abrir as portas para que as reuniões evangélicas, em sua feição mais pura, não soffressem solução de continuidade.

A palestra de Saulo impressionou-a vivamente. Seduziam-na, sobretudo, as descrições do ambiente fraternal da igreja antioquena, cujas virtudes Barnabé não cessava de glosar instantemente.

Maria expôs ao irmão o seu grande sonho. Queria

dar o filho, ainda muito j6vem, a Jesus. De ha muito vinha preparando o menino para o apostolado. Todavia, Jerusalém afogava-se em lutas religiosas, sem tréguas. As perseguições surgiam e ressurgiam. A organização cristã da cidade experimentava profundas alternativas. Só a paciencia de Pedro conseguia manter a continuidade do ideal divino. Não seria melhor que João Marcos se transferisse para Antioquia, junto do tio? Barnabé não se opôs ao plano da irmã entusiasmada. O j6vem, a seu turno, seguia as conversações mostrando-se satisfeito. Chamado a opinar, Saulo percebeu que os irmãos deliberavam sem consultar o interessado. O rapaz acompanhava os projetos, sempre jovial e sorridente. Foi aí que o ex-doutor da Lei, profundo conhecedor da alma humana, desviou a palestra, procurando interessá-lo mais diretamente.

— João — disse bondosamente — sentes, de fato, verdadeira vocação para o ministério?

— Sem dúvida! — confirmou o adolescente algo perturbado.

— Mas, como defines teus propositos? — tornou a perguntar o ex-rabino.

— Julgo que o ministério de Jesus é uma glória, — respondeu um tanto acanhado sob o exame daquele olhar ardente e inquiridor.

Saulo refletiu um instante e sentenciou:

— Teus intuitos são louváveis, mas é preciso não esquecer que a mínima expressão de glória mundana apenas chega após o serviço. Se assim acontece no mundo, que não será com o trabalho para o reino de Cristo? Mesmo porque, na Terra, todas as glórias passam e a de Jesus é eterna!...

O j6vem anotou a observação e, embora desconcertado pela profundez dos conceitos, acrescentou:

— Sinto-me preparado para os labores do Evangelho e, além disso, mamãe faz muito g6sto que eu aprenda os melhores ensinamentos resse sentido, a-fim-de tornar-me um prégador das verdades de Deus.

Maria Marcos olhou o filho, cheia de maternal or-

gulho. Saulo percebeu a situação, teve um dito alegre e depois acentuou:

— Sim, as mães sempre nos desejam todas as glórias deste e do outro mundo. Por elas, nunca haveria homens perversos. Mas, no que nos diz respeito convem lembrar as tradições evangélicas. Ainda ontem, lembrei a generosa inquietação da esposa de Zebedeu, ansiosa pela glorificação dos filhinhos!... Jesus recebeu-lhe os anseios maternos, mas, não deixou de lhe perguntar se os candidatos ao Reino estavam devidamente preparados a beber do seu cálice... E ainda agora, vimos que o cálice reservado a Tiago continha vinagre tão amargo quanto o da cruz do Messias!...

Todos silenciaram, mas Saulo continuou em tom prazenteiro, modificando a impressão geral:

— Isto não quer dizer que devamos desanimar ante as dificuldades, em aliciar as glórias legítimas do Reino de Jesus. Os obstáculos renovam as forças. A finalidade divina deve representar nosso objetivo supremo. Se assim pensares, João, não duvido de teus futuros triunfos.

Mãe e filho sorriram tranquilos.

Ali mesmo, combinaram a partida do jovem, em companhia de Barnabé. O tio discorreu ainda sobre as disciplinas indispensáveis, o espírito de sacrifício reclamado pela nobre missão. Naturalmente, se Antioquia representava um ambiente de profunda paz, era também um núcleo de trabalhos ativos e constantes. João precisaria esquecer qualquer expressão de esmorecimento, para entregar-se, de alma e corpo, ao serviço do Mestre, com absoluta compreensão dos deveres mais justos.

O rapaz não hesitou nos compromissos, sob o olhar amorável de sua mãe, que lhe buscava amparar as decisões com a coragem sincera do coração devotado a Jesus.

Dentro de poucos dias os três demandavam a formosa cidade do Oronte.

Enquanto João Marcos extasiava-se na contemplação das paisagens, Saulo e Barnabé entretinham-se em longas palestras, relativamente aos interesses gerais do Evangelho. O ex-rabino voltava sumamente impressio-

nado com a situação da igreja de Jerusalém. Desejaria sinceramente ir até Joppe, para avistar-se com Simão Pedro. No entanto, os irmãos dissuadiram-no de o fazer. As autoridades mantinham-se vigilantes. A morte do Apóstolo chegara a ser reclamada por vários membros do Sinédrio e do Templo. Qualquer movimento mais importante, no caminho de Joppe, poderia dar aso á tirania dos prepostos herodianos.

— Francamente — dizia Saulo a Barnabé, mostrando-se apreensivo — regresso de animo quasi abatido aos nossos serviços de Antioquia. Jerusalém dá impressão de profundo desmantelo e acentuada indiferença pelas lições do Cristo. As altas qualidades de Simão Pedro, na chefia do movimento, não me deixam dúvidas; mas precisamos cerrar fileiras em torno dele. Mais que nunca me convengo da sublime realidade de que Jesus veio ao que era seu, mas não foi compreendido.

— Sim — obtemperava o ex-levita de Chipre, desejoso de dissipar as apreensões do companheiro — confio, antes de tudo, em Cristo; depois espero muito de Pedro...

— Entretanto — insinuava o outro sem vacilar — precisamos considerar que em tudo deve existir uma pauta de equilíbrio perfeito. Nada poderemos fazer sem o Mestre, mas não é lícito esquecer que Jesus instituiu no mundo uma obra eterna e, para inicia-la, escolheu doze companheiros. Certo, estes nem sempre corresponderam á expectativa do Senhor, mas não deixaram de ser os escolhidos. Assim também, precisamos examinar a situação de Pedro. Ele é, sem contestação, o chefe legítimo do colégio apostólico, por seu espírito superior afinado com o pensamento do Cristo, em todas as circunstancias; mas, de modo algum, poderá agir sózinho. Como sabemos, dos doze amigos de Jesus, quatro ficaram em Jerusalém, com residência fixa. João foi obrigado a retirar-se; Felipe compelido a abandonar a cidade com a família; Tiago volta aos poucos para as comunidades farisáicas. Que será de Pedro se lhe faltar a cooperação devida?

Barnabé pareceu meditar sériamente.

— Tenho uma idéia que parece vir de mais alto — disse o ex-doutor da Lei sinceramente comovido.

E continuou:

— Suponho que o cristianismo não atingirá seus fins, se esperarmos tão só dos israelitas anquilosados no orgulho da Lei. Jesus afirmou que seus discípulos viriam do oriente e do ocidente. Nós que pressentimos a tempestade e eu, principalmente, que a conheço nos seus paroxismos, por haver desempenhado o papel de verdugo, precisamos atrair esses discípulos. Quero dizer, Barnabé, que temos necessidade de buscar os gentios onde quer que se encontrem. Só assim reintegrar-se-á o movimento em função de universalidade.

O discípulo de Simão Pedro fez um movimento de espanto.

O ex-rabino percebeu o gesto de estranheza e ponderou de modo conciso:

— E' natural prever com isso muitos protestos e lutas enormes; no entanto, não consigo vislumbrar outros recursos. Não é justo esquecer os grandes serviços da igreja de Jerusalém aos pobres e necessitados, e creio mesmo que a assistência piedosa dos seus trabalhos tem sido, muitas vezes, sua tábua de salvação. Existem, porém, outros setores de atividade, outros horizontes essenciais. Poderemos atender a muitos doentes, ofertar um leito de repouso aos mais infelizes; mas sempre houve e haverá corpos enfêrmos e cansados, na Terra. Na tarefa cristã, semelhante esforço não poderá ser esquecido, mas a iluminação do espírito deve estar em primeiro lugar. Se o homem trouxesse Cristo no íntimo, o quadro das necessidades seria completamente modificado. A compreensão do Evangelho e da exemplificação do Mestre renovaria as noções de dôr e sofrimento. O necessitado encontraria recursos no proprio esforço, o doente sentiria, na enfermidade mais longa, um escoadouro das imperfeições; ninguém seria mendigo, porque todos teriam luz cristã para o auxílio mutuo, e, por fim, os obstáculos da vida seriam amados como corrigendas benditas de Pai amoroso a filhos inquietos.

Barnabé pareceu entusiasmar-se com a idéia. Mas, depois de pensar um minuto, acrescentou:

— Entretanto, esse empreendimento não deveria partir de Jerusalém?

— Penso que não — sentenciou Saulo de pronto. — Seria absurdo agravar as preocupações de Pedro. Excede a tudo esse movimento de pessoas necessitadas e abatidas, convergentes de todas as provincias, por bater-lhe ás portas. Simão está impossibilitado para o desdobramento dessa tarefa.

— Mas, os outros companheiros? — inquiriu Barnabé revelando espírito de solidariedade.

— Os outros, certo, hão de protestar. Principalmente agora que o judaismo vai absorvendo os esforços apostólicos, é justo prever muitos clamores. Contudo, a propria natureza dá lições neste sentido. Não clamamos tanto contra a dôr? E quem nos trás maiores benefícios? A's vezes, nossa redenção está naquilo mesmo que antes nos parecia verdadeira calamidade. E' indispensavel sacudir o marasmo da instituição de Jerusalém chamando os incircuncisos, os pecadores, os que estejam fóra da Lei. De outro modo, dentro de alguns poucos anos, Jesus será apresentado como aventureiro vulgar. Naturalmente, depois da morte de Simão, os adversários dos princípios ensinados pelo Mestre acharão grande facilidade em deturpar as anotações de Leví. A Boa-Nova será aviltada e, se alguém perguntar por Cristo, daqui a cinquenta anos, terá como resposta que o Mestre foi um criminoso comum, a expiar na cruz os desvios da vida. Restringir o Evangelho a Jerusalém será condena-lo á extinção, no fóco de tantos dissídios religiosos, sob a política mesquinha dos homens. Necessitamos levar a notícia de Jesus a outras gentes, ligar as zonas de entendimento cristão, abrir estradas novas... Será mesmo justo que tambem façamos anotações do que sabemos de Jesus e de sua divina exemplificação. Outros discípulos, por exemplo, poderiam escrever o que viram e ouviram, pois, com a prática vou reconhecendo que Leví não anotou mais amplamente o que se sabe do Mestre. Ha situações e fatos que não foram

por ele registrados. Não conviria também que Pedro e João anotassem suas observações mais íntimas? Não hesito em afirmar que os pósteros não de rebuscar muitas vezes a tarefa que nos foi confiada.

Barnabé rejubilava-se com perspectivas tão sedutoras. As advertências de Saulo eram mais que justas. Haveria que prestar informações amplas ao mundo.

— Tens razão — disse admirado — precisamos pensar nesses serviços, mas como?

— Ora — esclareceu Saulo tentando aplainar as dificuldades — se quizeres chefiar qualquer esforço nesse sentido, podes contar com a minha cooperação incondicional. Nosso plano seria desenvolvido na organização de missões abnegadas, sem outro fito que servir, de forma absoluta, á difusão da Boa-Nova do Cristo. Começaríamos, por exemplo, em regiões não de todo desconhecidas, formaríamos o hábito de ensinar as verdades evangélicas aos mais vários agrupamentos; em seguida, terminada essa experiência, demandaríamos outras zonas, levaríamos a lição do Mestre a outras gentes...

O companheiro ouvia-o, afagando sinceras esperanças. Tomado de novo animo, disse ao convertido de Damasco, esboçando o primeiro numero do programa:

— De ha muito, Saulo, tenho necessidade de voltar á minha terra, a-fim-de resolver certos problemas de familia. Quem sabe poderíamos iniciar o serviço apostólico através das aldeias e cidades de Chipre? Conforme o resultado, prosseguiríamos por outras zonas. Estou informado de que a região em que demora Antioquia da Pisidia é habitada por gente simples e generosa, e supponho que colheríamos belos resultados no empreendimento.

— Poderás contar comigo — respondeu Saulo de Tarso, resolutos. — A situação requer o concurso de irmãos corajosos e a igreja de Cristo não poderá vencer com o comodismo. Comparo o Evangelho a um campo infinito, que o Senhor nos deu a cultivar. Alguns trabalhadores devem ficar ao pé dos mananciais, velando-lhes a pureza, outros revolvem a terra em zonas determinadas; mas não ha dispensar a cooperação dos que

precisam empunhar instrumentos rudes, desfazer cipoais intensos, cortar espinheiros para ensolarar os caminhos.

Barnabé reconheceu a excelencia do projeto, mas considerou:

— Todavia, temos ainda a examinar a questão do dinheiro. Tenho alguns recursos, mas insuficientes para atender a todas as despesas. Por outro lado, não seria possível sobrecarregar as igrejas...

— Absolutamente — adiantou o ex-rabino — onde estacionarmos, poderei exercer o meu officio. Por que não? Qualquer aldeia paupérrima tem sempre teares de aluguel. Montarei, então, uma tenda movel!

Barnabé achou graça no expediente e ponderou:

— Teus sacrificios não serão pequenos. Não receias as dificuldades imprevisíveis?

— Por que? — interrogou Saulo com firmeza. — Certo, se Deus não me permitiu a vida em familia foi para que me dedicasse exclusivamente ao seu serviço. Por onde passarmos, montaremos a tenda singela. E onde não houver tapetes a consertar e a tecer, haverá sandálias.

O discípulo de Simão Pedro entusiasmou-se. O resto da viagem foi dedicado aos projetos da futura excursão. Havia, entretanto, uma cousa a considerar. Além da necessidade de submeter o plano á aprovação da igreja de Antioquia, era indispensavel pensar no jóvem João Marcos. Barnabé procurou interessar o sobrinho nas conversações. Em breve, o rapaz convenceu-se de que deveria encorporar-se á missão, caso a assembléia antioquiiana não a desaprovasse. Interessou-se por todos os detalhes do programa tracejado. Seguiria o trabalho de Jesus, fôsse onde fôsse.

— E se houver muitos obstáculos? — perguntou Saulo avisadamente.

— Saberei vence-los — respondia João, convicto.

— Mas é possível venhamos a experimentar dificuldades sem conta — continuava o ex-rabino preparando-lhe o espírito. Se Cristo, que era sem pecado, encontrou uma cruz entre apodos e flagelos, quando ensinava as

verdades de Deus, que não devemos esperar em nossa condição de almas frágeis e indigentes?

— Hei de encontrar as forças necessárias.

Saulo contemplou-o admirado da firme resolução que suas palavras deixavam transparecer, e observou:

— Se deres um testemunho tão grande como a coragem que revelas, não tenho dúvidas quanto á grandeza de tua missão.

Entre confortadoras esperanças, a viagem terminou com formosas perspectivas de trabalho para os três.

Na primeira reunião, depois de relatar as observações pessoais concernentes á igreja de Jerusalém, Barnabé expôs o plano á assembléa, que o ouviu atentamente. Alguns anciãos falaram da lacuna que se abria na igreja, expuseram o desejo de que se não quebrassem o conjunto harmonioso e fraternal. No entanto, o orador voltou a explicar as necessidades novas do Evangelho. Pintou os quadros de Jerusalém com a fidelidade possível, fez a súplica de suas conversações com Saulo de Tarso e salientou a conveniencia de chamar novos trabalhadores ao serviço do Mestre.

Quando tratou o problema com toda a gravidade que lhe era devida, os chefes da comunidade mudaram de attitude. Estabeleceu-se o acôrdo geral. De fato, a situação explanada por Barnabé era muito séria. Seus pareceres veementes eram mais que justos. Se perseverasse o marasmo nas igrejas, o cristianismo estava destinado a perecer. Ali mesmo, o discípulo de Simão recebeu a aquiescencia irrestrita e, no instante das preces, a voz do Espírito Santo se fez ouvir no ambiente de simplicidade pura, inculcando fôsem Barnabé e Saulo destacados para a evangelização dos gentios.

Aquela recomendação superior, aquela voz que provinha dos arcanos celestes, ecoou no coração do ex-rabino como um cantico de vitória espiritual. Sentia que acabava de atravessar imenso deserto para encontrar de novo a mensagem doce e eterna do Cristo. Por conquistar a dignidade espiritual, só experimentara padecimentos, desde a cegueira dolorosa de Damasco. Ansiara por Jesus. Tivera sêde abrasadora e terrível. Pedira

em vão a compreensão dos amigos, debalde buscara o terno aconchego da familia. Mas, agora a palavra mais alta o chamava ao serviço, deixava-se empolgar por júbilos infinitos. Era o sinal de que havia sido considerado digno dos esforços confiados aos discipulos. Refletindo como as dores passadas lhe pareciam pequeninas e infantís, comparadas á alegria imensa que lhe inundava a alma, Saulo de Tarso chorou copiosamente, experimentando maravilhosas sensações. Nenhum dos irmãos presentes, nem mesmo Barnabé, poderia avaliar a grandiosidade dos sentimentos que aquelas lágrimas revelavam. Tomado de profunda emoção, o ex-doutor da Lei reconhecia que Jesus se dignava de aceitar suas oblatas de boa vontade, suas lutas e sacrificios. O Mestre chamava-o e para responder ao apelo iria aos confins do mundo.

Numerosos companheiros colaboraram nas providencias iniciais, em favor do empreendimento.

Dentro em pouco, cheios de confiança em Deus, Saulo e Barnabé, seguidos por João Marcos, despediam-se dos irmãos, a caminho de Seleucia. A viagem para o literal decorreu em ambiente de muita alegria. De quando a quando, repousavam á margem do Oronte, para a merenda salutar. A' sombra dos carvalhos, na paz dos bosques enfeitados de flores, os missionarios comentaram as esperanças primeiras.

Em Seleucia não foi demorada a espera de embarcação. A cidade estava sempre cheia de peregrinos que demandavam o occidente, sendo frequentada por elevado número de navios de toda ordem. Entusiasmados com o acolhimento dos irmãos de fé, Barnabé e Saulo embarcaram para Chipre, sob a impressão de comovente e carinhosa despedida.

Chegaram á ilha, com o jóvem João Marcos, sem incidentes dignos de menção. Estacionados em Cittium por muitos dias, aí solucionou Barnabé vários assuntos de seu interesse familiar.

Antes de se retirarem, visitaram a sinagoga, num sabado, com o proposito de iniciar o movimento. Como chefe da missão, Barnabé tomou a palavra, procurou

conjugar o texto da Lei examinado naquele dia, ás lições do Evangelho, por destacar a superioridade da missão do Cristo. Saulo notou que o companheiro explanava o assunto, com respeito algo excessivo ás tradições judaicas. Via-se claramente que desejava, antes de tudo, conquistar as simpatias do auditório; em alguns pontos, demonstrava o temor de encetar o trabalho, abrindo as lutas tão em desacôrdo com o seu temperamento. Os israelitas mostraram-se surpreendidos, mas satisfeitos. Observando o quadro, Saulo não se sentiu plenamente confortado. Fazer reparos a Barnabé seria ingratitude e indisciplina; concordar com o sorriso dos compatriotas perseverantes nos erros do fingimento farisáico seria negar fidelidade ao Evangelho.

Procurou resignar-se e esperou.

A missão percorreu numerosas localidades, entre vibrações de largas simpatias. Em Anathonte, os mensageiros da Boa Nova demoraram-se mais de uma semana. A palavra de Barnabé era profundamente contemporizadora. Caracterizava-se, em tudo, pelo grande cuidado de não ofender os melindres judaicos.

Depois de grandes esforços, chegaram a Nea-Paphos, onde residia o Proconsul. A séde do govêrno provincial era uma formosa cidade cheia de encantos naturais e que se assinalava por sólidas expressões de cultura. O discípulo de Pedro, porém, estava exausto. Nunca tivera labores apostólicos tão intensos. Conhecendo a deficiência do verbo de Saulo nos serviços da igreja de Antioquia, temia confiar ao ex-rabino as responsabilidades diretas do ensinamento. Não obstante sentir-se cansadíssimo, fez a prégação na sinagoga, no sabado immediato á chegada. Nesse dia, entretanto, ele estava divinamente inspirado. A apresentação do Evangelho foi feita com raro brilhantismo. O proprio Saulo comoveu-se profundamente. O exito foi inexcedível. A segunda assembléia reuniu os elementos mais finos; judeus e romanos aglomeravam-se ansiosos. O ex-levita fez nova apologia do Cristo, bordando conceitos de maravilhosa beleza espiritual. O ex-doutor da Lei, com os trabalhos informativos da missão, atendia prazerosamente a todas

as consultas, pedidos, informações. Nenhuma cidade manifestara tamanho interesse, quanto aquela; os romanos, em grande numero, iam solicitar esclarecimentos quanto aos objetivos dos mensageiros, recebiam notícias de Cristo revelando júbilos e esperanças; desfaziavam-se em gestos de espontanea bondade. Entusiasmados com o successo, Saulo e Barnabé organizaram reuniões em casas particulares, especialmente cedidas para esse fim pelos simpatizantes da doutrina de Jesus, onde encetaram formoso movimento de curas. Com alegria infinita, o tecelão de Tarso viu chegar a extensa fileira dos "filhos do Calvário". Eram mães atormentadas, doentes desiludidos, anciãos sem nenhuma esperança, orfãos sofredores, que agora procuravam a missão. A notícia das curas julgadas impossiveis encheu Nea-Paphos de grande assombro. Os missionários impunham as mãos, fazendo preces fervorosas ao Messias Nazareno; de outras vezes, distribuíam agua pura em seu nome. Extremamente cansado e achando que o novo auditório não requeria maior erudição, Barnabé encarregou o companheiro das prégações da Boa-Nova; mas, com grande surpresa, verificou que Saulo se modificara radicalmente. Seu verbo parecia inflamado de nova luz; tirava do Evangelho ilações tão profundas que o ex-levita o escutava agora sem dissimular o proprio espanto. Notava, particularmente, o carinho do ex-doutor no apresentar os ensinamentos do Cristo aos mendigos e sofredores. Falava como alguém que houvesse convivido com o Senhor, por largos anos. Referia-se a certos lances das lições do Mestre com um manancial de lágrimas nos olhos. Prodigiosas consolações derramavam-se no espirito das turbas. Dia e noite, havia operários e estudiosos copiando as anotações de Levi.

Os acontecimentos abalaram a opinião da cidade em peso. Os resultados eram os mais confortadores. Foi quando enorme surpresa chegou ao espirito dos missionários.

A manhã ia alta. Saulo atendia a numerosos necessitados quando um legionario romano se fez anunciar.

Barnabé e o companheiro deixaram os serviços entregues a João Marcos e foram atender.

— O Proconsul Sergio Paulo — disse o mensageiro, solene — manda convidar-vos a visita-lo em palacio.

A mensagem era muito mais uma ordem que simples convite. O discípulo de Simão compreendeu de pronto e respondeu:

— Agradecemos de coração e iremos ainda hoje.

O ex-rabino estava confuso. Não só o conteúdo político do fato surpreendia-o, sobremaneira. Em vão, procurava recordar-se de alguma cousa. Sergio Paulo? Não conheceria alguém com esse nome? Buscou lembrar os jóvens de origem romana, do seu conhecimento. Afinal, veio-lhe á memoria a palestra de Pedro sôbre a personalidade de Estevam e concluiu que o Proconsul não podia ser outro senão o salvador do irmão de Abigail.

Sem comunicar as íntimas impressões a Barnabé, examinou a situação em sua companhia. Quais os objectivos da delicada intimação? Segundo a voz pública, o chefe político vinha sofrendo pertinaz enfermidade. Desejaria curar-se ou, quem sabe, provocar um meio de expulsa-los da ilha, induzido pelos judeus? A situação, entretanto, não se resolveria por conjecturas.

Incumbindo João Marcos de atender a quantos se interessassem pela doutrina, no referente a informes necessarios, os dois amigos puseram-se a caminho, resolutamente.

Conduzidos através de galerias extensas, foram dar com um homem relativamente moço, deitado em largo divã e deixando perceber extremo abatimento. Magro, pálido, revelando singular desencanto da vida, o Proconsul entremostrava, todavia, uma bondade imensa na suave irradiação do olhar humilde e melancólico.

Recebeu os missionarios com muita simpatia, apresentando-lhes um mago judeu de nome Barjesus, que, de longa data o vinha tratando. Sergio Paulo, prudentemente, mandou que os guardas e servos se retirassem. Apenas os quatro se viram a sós, em círculo muito íntimo, falou o enfêrmo com amarga serenidade:

— Senhores, diversos amigos me deram noticia dos vossos sucessos nesta cidade de Nea-Paphos. Tendes curado moléstias perigosas, devolvido a fé a inúmeros descrentes, consolado míseros soffredores. Ha mais de um ano venho cuidando de minha saúde arruinada. Nestas condições, estou quasi inutilizado para a vida pública.

Apontando Barjesus que, por sua vez, fixava o olhar malicioso nos visitantes, o chefe romano proseguiu:

— Ha muito contratei os serviços deste vosso terraneo, ansioso e confiante na ciencia de nossa época, mas os resultados têm sido insignificantes. Mandei chamar-vos desejoso de experimentar os vossos conhecimentos. Não estranheis minha attitude. Se pudesse, teria ido procurar-vos em pessoa, pois conheço o limite de minhas prerrogativas; como vêdes, porém, sou antes de tudo um necessitado.

Saulo ouviu aquelas declarações profundamente comovido pela bondade natural do illustre enfêrmo. Barnabé estava atônito sem saber o que dizer. O ex-doutor da Lei, entretanto, senhor da situação e quasi certo de que o personagem era o mesmo que figurara na existencia do martir vitorioso, tomou a palavra e disse convictamente:

— Nobre Proconsul, temos conosco, de fato, o poder de um grande médico. Podemos curar, quando os enfêrmos estejam dispostos a compreendê-lo e segui-lo.

— Mas quem é ele? — perguntou o enfêrmo.

— Chama-se Cristo Jesus. Sua fórmula é sagrada — continuava o tecelão, com ênfase — destina-se a medicar, antes de tudo, a causa de todos os males. Como sabemos, todos os corpos da Terra terão de morrer. Assim, por fôrça de leis naturais inelutaveis, jamais teremos, neste mundo, absoluta saúde física. Nosso organismo sofre a ação de todos os processos ambientes. O calor incomoda, o frio nos faz tremer, a alimentação nos modifica, os atos da vida determinam a mudança dos hábitos. Mas o Salvador nos ensina a procurar uma saúde mais real e preciosa, que é a do espirito. Pos-

suindo-a, teremos transformado as causas de preocupação de nossa vida, e habilitamo-nos a gozar a relativa saúde física que o mundo pode oferecer nas suas expressões transitórias.

Enquanto Barjesus ironico e sorridente escutava o intróito, Sergio Paulo acompanhava a palavra do ex-rabino, atento e comovido:

— Contudo, como encontrar esse médico? — perguntou o Proconsul, mais preocupado com a cura do que com o elevado sentido metafísico das observações ouvidas.

— Ele é a bondade perfeita — esclareceu Saulo de Tarso — e sua ação consoladora está em toda parte. Antes mesmo que o compreendamos, cerca-nos com a expressão do seu amor infinito!...

Observando o entusiasmo com que o missionario tarsense falava, o chefe político de Nea-Paphos buscou a aprovação de Barjesus com o olhar indagador.

O mago judeu evidenciando profundo desprezo exclamou:

— Julgavamos que estivesseis aparelhados de alguma ciencia nova... Não quero acreditar no que ouço. Acaso me supondes um ignorante, relativamente ao falso profeta de Nazaré? Ousais franquear o palacio de um governador, em nome de um miseravel carpinteiro?

Saulo mediu toda a extensão daquelas ironias, respondendo sem se intimidar:

— Amigo, quando eu afivelava a máscara farisáica, tambem assim pensava; mas, agora, conheço a gloriosa luz do Mestre, o Filho do Deus Vivo!...

Essas palavras eram ditas num tom de convicção tão ardente que o proprio charlatão israelita se fizera lívido. Barnabé tambem empalidecera, enquanto que o nobre patricio observava o ardoroso prégador com visível interesse. Depois de angustiosa expectativa, Sergio Paulo voltou a dizer:

— Não tenho o direito de duvidar de ninguem, enquanto as provas concludentes não me levem a fazê-lo.

E procurando fixar a fisionomia de Saulo, que lhe enfrentava o olhar perquiridor, serenamente continuou:

— Falais desse Cristo Jesus, enchendo-me de asombro. Alegais que sua bondade nos assiste antes mesmo de o conhecermos. Como obter uma prova concreta de vossa afirmativa? Se não entendo o Messias de que sois mensageiros, como saber se sua assistencia me influenciou algum dia?

Saulo lembrou repentinamente as palestras de Simão Pedro em lhe narrando os antecedentes do martir do cristianismo. Num instante alinhou os mínimos episódios. E valendo-se de todas as oportunidades para destacar o amor infinito de Jesus, como aconteceu nos menores fatos da sua carreira apostólica, sentenciou com singular entono:

— Proconsul, ouvi-me! Para revelar-vos, ou melhor, a-fim-de lembrar-vos a misericordia de Jesus de Nazaré, o nosso Salvador, chamarei vossa atenção para um acontecimento importante.

Enquanto Barnabé manifestava profunda surpresa, em face da desassomburada atitude do companheiro, o político aguçava a curiosidade.

— Não é a primeira vez que experimentais uma grave enfermidade. Ha quasi dez anos, ao tentardes os primeiros passos na vida pública, embarcastes no porto de Cefalônia em demanda desta Ilha. Viajaveis para Citium, mas, antes que o navio aportasse em Corinto, fostes acometido de febre terrível, o corpo aberto em feridas venenosas...

Brancura de cera estampava-se no semblante do chefe de Nea-Paphos. Colocando a mão no peito, como a conter as pulsações aceleradas do coração, ergueu-se extremamente perturbado.

— Como sabeis tudo isso? — murmurou aterrado.

— Não é só — disse o missionario, sereno — esperai o resto. — Vários dias permanecestes entre a vida e a morte. Debalde os médicos de bordo comentaram vossa enfermidade. Vossos amigos fugiram. Quando ficastes de todo abandonado, não obstante o prestigio político do vosso cargo, o Messias Nazareno vos mandou alguém, no silencio de sua misericordia divina.

O proconsul, com o despertar das velhas reminiscências, sentia-se profundamente comovido.

— Quem teria sido o mensageiro do Salvador? — prosseguia Saulo, enquanto Barnabé o contemplava com inaudito assombro. — Um de vossos íntimos? Um amigo eminente? Um dos colegas ilustres que presenciavam vossas dores? Não! Apenas um escravo humilde, um serviçal anônimo dos remos homicidas. Jeziél velou por vós, dia e noite! E o que a ciência do mundo não conseguiu fazer, fê-lo o coração empossado pelo amor do Cristo! Compreendeis agora? Vosso amigo Barjesus fala de um carpinteiro sem nome, de um Messias que preferiu a condição da humildade suprema por nos trazer as torrentes preciosas de suas graças!... Sim, Jesus também, como aquele escravo que vos restabeleceu a saúde perdida, fez-se servo do homem para conduzi-lo a uma vida melhor!... Quando todos nos abandonam, Ele está conosco; quando os amigos fogem, sua bondade mais se aproxima. Para forrarmo-nos das miseráveis contingências desta vida mortal, é preciso crer nele e segui-lo sem descanso!...

Ante as lágrimas convulsivas do Proconsul, Barnabé aturdido considerava: Onde fôra o companheiro colher tão profundas revelações? A seu ver, naquele instante, Saulo de Tarso estaria iluminado pelo dom maravilhososo das profecias.

— Senhores, tudo isso é a verdade pura! Trouxestes-me a santa notícia de um Salvador!... — exclamou Sergio Paulo.

Reconhecendo a capitulação do generoso patricio que lhe recheava a bolsa de fartos recursos, o mago israelita, a-pesar-de muito surpreso, exclamou com energia:

— Mentira!... São mentirosos! Tudo isso é obra de Satanaz! Estes homens são portadores de sortilégios infames do "Caminho"! Abaixo a exploração vil!...

A boca lhe espumava, os olhos rebrilhavam de cólera. Saulo mantinha-se calmo, impassível, quasi sorridente. Depois, timbrando forte:

— Acalmai-vos, amigo! A fúria não é amiga da verdade e quasi sempre esconde inconfessáveis interes-

ses. Acusai-nos de mentirosos, mas nossas palavras não se desviaram uma linha da realidade dos acontecimentos. Alegais que nosso esforço procede de Satanaz, e contudo, onde já se viu maior incoerência? Onde encontraríamos um adversario trabalhando contra si mesmo? Afirmamos que somos portadores de sortilégios; se o amor constitúe esse talismã, nós o trazemos no coração, ansiosos por comunicar a todos os seres sua benéfica influencia. Finalmente, lançais a nós outros a pécha de exploradores salazes, quando aqui viemos chamados por alguém que nos honrou com sinceridade e confiança e, de modo algum, poderíamos oferecer as graças do Salvador a título mercatorio.

Seguiu-se acalorada discussão: Barjesus fazia empenho por demonstrar a inferioridade dos intuitos de Saulo, enquanto este se esforçava em timbrar nobreza e cordialidade.

Embalde o Proconsul tentava dissuadir o judeu de continuar na requêsta e naquele diapasão. Barnabé, por sua vez, confiando muito mais nos poderes espirituais do amigo, acompanhava o discrimine sem ocultar admiração pelos infinitos recursos que o missionário tarsense estava revelando.

A polemica já durava mais de hora, quando o mago fez uma alusão mais ferina á personalidade e feitos de Jesus Cristo.

Em atitude mais energica, o Apóstolo sentenciou:

— Tudo fiz por convencer-vos sem demonstrações mais diretas, de maneira a não ferir a parte respeitável de vossas convicções; todavia, estais cego e é nessa condição que podereis enxergar a luz. Como vós, também já vivi em trevas e, no instante do meu encontro pessoal com o Messias, foi necessário que as trevas se adensassem em meu espirito, a-fim-de que a luz ressurgisse mais brilhante. Tereis igualmente esse beneficio. A visão do corpo se fechará, para que possais divisar a verdade em espirito!...

Nesse comenos, Barjesus deu um grito:

— Estou cego!

Estabeleceu-se alguma confusão no recinto. Bar-

nabé adiantou-se, amparando o israelita que tateava aflito. O tecelão e o governador aproximaram-se surpreendidos. Foram chamados alguns servos que atenderam as necessidades do momento, carinhosos e solícitos. Por quatro horas longas, Barjesus chorou, mergulhado na sombra espessa que lhe invadira os olhos cansados. Ao fim desse tempo, os missionários oraram de joelhos... Branda serenidade estabeleceu-se no aposento vasto. Em seguida, Saulo impôs-lhe as mãos na frente e, com um suspiro de alívio, o velho israelita recobrou a vista, retirando-se confuso e sucumbido.

O Proconsul, porém, vivamente interessado nos fatos intensos daquele dia, chamou os missionários em particular e falou sensibilizado:

— Amigos, creio nas verdades divinas que anunciais e desejo sinceramente compartilhar do Reino esmerado. Nada obstante, conviria inteirar-me dos vossos objetivos de trabalho, dos vossos planos enfim. Estou ciente de que não mercadejais os dons espirituais de que sois portadores, mas proponho-me auxiliar-vos com os meus préstimos em tudo que me for possível. Poderia saber os projetos que vos animam?

Os dois missionários entreolharam-se, surpresos. Barnabé ainda não havia saído do espanto que o companheiro lhe causara. Saulo, por sua vez, mal dissimulava o proprio assombro pelo auxílio espiritual que obtivera no afan de confundir os maliciosos intuitos de Barjesus.

Reconhecendo, contudo, o elevado e sincero interesse do chefe político da província, esclareceu com jubilosos conceitos:

— O Salvador fundou a religião do amor e da verdade, instituição invisível e universal, onde se acolham todos os homens de boa vontade. Nosso fim é dar feição visível á obra divina, estabelecendo templos que se irmanem nos mesmos princípios, em seu nome. Avaliamos a delicadeza de semelhante tentame e estamos crentes de que as maiores dificuldades vão surgir em nosso caminho. E' quasi impossivel encontrar o cabedal humano indispensavel ao cometimento; mas

é forçoso movimentar o plano. Quando falhem os elementos da instituição visível, esperaremos na igreja infinita, onde, nas luzes da universalidade, Jesus será o chefe supremo de todas as forças que se consagram ao bem.

— Trata-se de sublime iniciativa — apartou o Proconsul evidenciando nobre interesse — onde encetastes a construção dos santuários?

— Nossa missão está começando precisamente agora. Os discípulos do Messias fundaram as igrejas de Jerusalém e Antioquia. Por enquanto, não temos outros nucleos educativos, além desses. Ha muitos cristãos em toda parte, entretanto, suas reuniões se fazem em domicilios particulares. Não possuem templos, propriamente, que os habilitem a mais eficiente esforço de assistência e propaganda.

— Nea-Paphos terá, então, a primeira igreja, filha do vosso trabalho direto.

Saulo não sabia como traduzir sua gratidão por aquele gesto de generosidade espontanea. Profundamente comovido adiantou-se, então, e, como cidadão Chíprio, agradeceu a dádiva que vinha prestigiar e facilitar a obra apostolar.

Os três falaram ainda largo tempo, sôbre os empreendimentos em perspectiva. Sergio Paulo pediu lhe indicassem as pessoas capazes de construir o novo templo, enquanto Barnabé e o companheiro expunham suas esperanças.

Somente á noite os missionarios puderam voltar á tenda humilde das prégrações.

— Estou impressionado! — dizia Barnabé, recordando o ocorrido. — Que fizeste? Tenho para mim que hoje é o dia maior da tua existencia. Tua palavra tinha um timbre sagrado e diferente; anima-te, agora, o dom das profecias... Além disso, o Mestre agraciou-te com o poder de dominar as idéias malignas. Viste como o charlatão sentiu a influencia de energias poderosas quando fizeste o teu apelo?

Saulo ouviu atento e com a maior simplicidade acentuou:

— Também não sei como traduzir meu espanto pelas graças obtidas. Foi por Cristo que nos tornamos instrumentos da conversão do Proconsul, pois a verdade é que de nós mesmos nada valemos.

— Nunca esquecerei os acontecimentos de hoje — tornou o ex-levita, admirado.

E depois de uma pausa:

— Saulo, quando Ananias te batizou não chegou a sugerir a mudança do teu nome?

— Não me lembrei disso.

— Pois suponho que, doravante, deves considerar tua vida como nova. Foste iluminado pela graça do Mestre, tiveste o teu Pentecostes, foste sagrado Apóstolo para os labores divinos da redenção.

O ex-doutor da Lei não dissimulou a própria admiração e concluiu:

— É muito significativo para mim que um chefe político seja atraído para Jesus, por nosso intermédio, mesmo porque, nossa tarefa conclama os gentios ao sol divino do Evangelho de salvação.

Intimamente, recordou os laços sublimes que o ligavam à memória de Estevam, a generosa influencia do patricio romano que o libertara dos trabalhos duros da escravidão e, invocando a memória do mártir, num apêlo silencioso, falou comovido:

— Sei, Barnabé, que muitos dos nossos companheiros trocaram de nome quando se converteram ao amor de Jesus; quiseram assinalar desse modo sua separação dos enganos fatais do mundo. Não quis valer-me do recurso, considerando que devia consagrar-me ao Senhor, de qualquer modo. Mas a transformação do governador, a luz da graça que nos acompanhou no curso dos acontecimentos de hoje, levam-me, igualmente a procurar um motivo de perenes lembranças.

Depois de longa pausa, dando a entender quanto refletira para tomar aquela resolução, falou:

— Razões íntimas, absolutamente respeitáveis, obrigam-me a reconhecer, doravante, um benfeitor no chefe político desta Ilha. Sem trocar formalmente meu nome, passarei a assinar-me á romana.

— Muito bem — respondeu o companheiro — entre Saulo e Paulo nenhuma diferença existe, a não ser a do hábito de grafia ou de pronúncia. A decisão será uma formosa homenagem ao nosso primeiro triunfo missionario junto dos gentios, ao mesmo tempo que constituirá agradável lembrança de um espírito tão generoso.

Nesse fato baseou-se a mudança de uma letra no nome do ex-discípulo de Gamaliél. Carater integro e energico, o rabino de Jerusalém nem mesmo transformado em modesto tecelão, quis modificar, portas a dentro do cristianismo, a sua fidelidade inata. Se servira a Moisés como Saulo, com o mesmo nome haveria de servir igualmente a Jesus Cristo. Se errara e fôra perverso, na primeira condição, aproveitaria a oportunidade dos céus, corrigiria a existência e seria um homem bom e justo na segunda. Nesse particular, não chegou a considerar qualquer sugestão dos amigos. Fôra o primeiro perseguidor da instituição cristã, verdugo inflexível do proselitismo alvorecente, mas fazia questão de continuar como Saulo, para lembrar-se de todo o mal e envidar esforços para fazer todo bem ao seu alcance. Mas, naquele instante, a lembrança de Estevam falava-lhe brandamente ao coração. Ele fôra o seu maior exemplo para a marcha espiritual. Era o Jeziél bem amado de Abigail. Para procura-lo, ambos se haviam prometido ir, sem vacilações, fôsse aonde fôsse. Os dois irmãos de Corinto estavam vivos, de tal modo, em sua alma sensível, que não era possível apagar na memória os mínimos fatos de sua vida. A mão de Jesus o encaminhara ao libertador de Jeziél. O Proconsul o havia libertado dos grilhões do cativo; o ex-escravo demandara Jerusalém para tornar-se discípulo de Cristo! O ex-rabino sentia-se ditoso, por ter sido auxiliado pelas forças divinas, tornando-se por sua vez libertador de Sergio Paulo, escravizado ao sofrimento e ás ilusões perigosas do mundo. Era justo gravar na memória uma lembrança indelevel de quem, vítima dele em Jerusalém, era agora irmão abençoado, que ele não conseguia esquecer nos mais fugazes instantes da vida e do seu ministério.

Daí por diante, o convertido de Damasco, em me-

mória do inolvidavel prégador do Evangelho, que succumbira a pedradas, passou a assinar-se Paulo, até o fim de seus dias.

A noticia da cura e da conversão do Proconsul encheu Nea-Paphos de grande assombro. Os missionários não mais tiveram descanso. Embora o protesto quasi apagado dos israelitas, a comunidade cresceu extraordinariamente. Integrado nos bens da saúde, o chefe provincial forneceu o necessario á construção da igreja. O movimento era extraordinário. E os dois mensageiros do Evangelho não cessavam de render graças a Deus.

O triunfo cercava-os de profunda consideração, quando Paulo foi procurado por Barjesus que lhe solicitava uma palavra confidencial. O ex-rabino não hesitou. Era uma boa ocasião para provar ao velho israelita os seus propositos generosos e sinceros. Recebeu-o, pois, com toda a afabilidade.

Barjesus parecia tomado de grande acanhamento. Após cumprimentar o missionário, atencioso, exprimiu-se com certo embaraço:

— Afinal, precisava desfazer o mal-entendido, no caso do Proconsul. Ninguem desejava tanto a saúde do enfermo, e por conseguinte, ninguem mais agradecido á vossa intervenção, libertando-o de enfermidade tão dolorosa.

— Sou muito grato ao vosso parecer e regosijo-me com a vossa compreensão — disse Paulo, com gentileza.

— Entretanto...

O visitante vacilava se devia ou não expôr seus objetivos mais intimos. Atento ás reticencias sem presumir-lhes a causa, o ex-rabino adiantou-se benévolo.

— Que desejais dizer? Com franqueza. Nada de cerimoniais!

— Acontece — retrucou mais animado — que venho afagando a idéia de consultar-vos a respeito dos vossos dons espirituais. Penso que não haverá maior tesouro para triunfar na vida...

Paulo estava confundido, sem saber que rumo tomaria a conversação. Mas, focando o ponto mais delicado da pretensão, Barjesus continuou:

— Quanto ganhais no vosso ministério?

— Ganho a misericordia de Deus — disse o missionario compreendendo, agora, todo o alcance daquela visita inesperada — vivo do meu trabalho de tecelagem e não seria licito mercadejar com o que pertence ao Pai que está nos céus.

— E' quasi incrível! — murmurou o mago arregalando os olhos. — Eu estava convicto de que trazieis convosco certos talismãs, que me dispunha a comprar por qualquer preço.

E enquanto o ex-rabino o contemplava cheio de commiserção pela sua ignorancia, o visitante prosseguiu:

— Mas, será crível que façais semelhantes obras sem contribuição de sortilégios?

O missionário fixou-o mais atento e murmurou:

— Só conheço um sortilégio eficiente.

— Qual é? — interrogou o mago de olhar faiscante e cubiceoso.

— E' o da fé em Deus com sacrificio de nós mesmos.

O velho israelita demonstrou não entender toda a significação daquellas palavras, objetando:

— Sim, mas a vida tem suas necessidades urgentes. E' indispensavel prever e amealhar recursos.

Paulo pensou um minuto e disse:

— De mim mesmo, nada tenho com que vos esclarecer. Mas Deus tem sempre uma resposta para nossas preoccupações mais simples. Consultemos suas eternas verdades. Vejamos qual a mensagem destinada ao vosso coração.

La abrir o Evangelho, conforme seu costume, quando o visitante observou:

— Nada conheço desse livro. Para mim, portanto, não poderá trazer advertencia alguma.

O missionário compreendeu a relutancia e acentuou:

— Que conheceis então?

— Moisés e os Profetas.

— Então vejamo-los.

Tomou do rôlo de pergaminhos onde se podia lêr a Lei antiga e deu-a ao velho malicioso, para que abrisse alguma sentença, ao acaso, segundo os hábitos da época.

No entanto, Barjesus, com evidente má vontade acrescentou:

— Só leio os Profetas, de joelhos.

— Podeis lêr como quiserdes porque o ato de compreender é o que nos interessa, antes de tudo.

Assinalando suas presunções farisáicas, o charlatão ajoelhou-se e abriu solenemente o texto, sob o olhar sereno e perquiridor do ex-rabino. O velho israelita fez-se pálido. Esboçou um gesto para se abstrair da leitura; mas, Paulo percebeu o movimento sutil e, aproximando-se falou com alguma veemência:

— Leiamos a mensagem permanente dos emissários de Deus.

Tratava-se de um fragmento dos Proverbios, que Barjesus pronunciou em voz alta, com enorme desampontamento:

“Duas cousas te pedi; não mas negues, antes que eu morra. Afasta de mim as vaidades e as mentiras. Não me dês a pobreza, nem a riqueza. Concede-me o alimento de que necessito para não acontecer que, estando farto, eu te negue e pergunte: — Quem é Jeová? — ou que, estando pobre, me ponha a furtar e profane o nome de meu Deus” (1).

O mago levantou-se atarantado. O próprio missionário estava surpreso.

— Vistes, amigo? — interrogou Paulo — a palavra da verdade é muito eloquente. Será grande talismã, na existencia, o sabermos viver com os nossos próprios recursos, sem exorbitar do necessario ao nosso enriquecimento espiritual.

— Efetivamente — respondeu o charlatão — este processo de consultas é muito interessante. Vou meditar seriamente na experiencia de hoje.

Logo em seguida despedia-se, depois de mastigar

(1) Proverbios: 30 — 7, 9

alguns monossílabos que mal disfarçavam a perturbação que todo o empolgara.

Impressionado, o tecelão consagrado a Cristo, anotou as profundas exortações, para consolidar o seu programa de atividades espirituais, isento de interesses inferiores.

A missão permaneceu em Nea-Paphos ainda alguns dias, sobrecarregada de muito trabalho. João Marcos colaborava com os recursos ao seu alcance; todavia, de vez em quando, Barnabé surpreendia-o entristecido e queixoso. Não esperava encontrar tão vultosa quota de trabalho.

— Mas, assim é melhor — acentuava Saulo — o serviço do bem é a muralha defensiva das tentações.

O rapaz conformava-se; contudo, sua contrariedade era evidente.

Além disso, fiél observador do judaísmo, não obstante a paixão pelo Evangelho, o filho de Maria Marcos sentiu grandes escrúpulos, com a largueza de vistas do tio e do missionário, relativamente aos gentios. Desejava servir a Jesus, sim, de todo o coração, mas não podia distanciar o Mestre das tradições do berço.

Enquanto as sementes lançadas em Chipre começavam a germinar na terra dos corações, os trabalhadores do Messias abandonavam Nea-Paphos, absorvidos em vastas esperanças.

Depois de muito confabularem, Saulo e Barnabé resolveram estender a missão aos povos da Paufilia, com grande escandalo para João Marcos, que se admirava de semelhante alvitre.

— Mas que fazermos com essa gente tão estranha? — perguntou o rapaz contrariado. — Sabemos, em Jerusalém, que esse país é povoado por criaturas supinamente ignorantes. E, ao demais, que ali existem ladrões por toda a parte.

— No entanto — obtemperou Paulo convicto — penso que devemos procurar a região, justamente por isso. Para outros, uma viagem á Alexandria pode oferecer maior interesse; mas todos esses grandes centros estão cheios de mestres da palavra. Possuem sinagogas

importantes, conhecimentos elevados, grandes expoentes de ciência e riqueza. Se não servem a Deus é por má vontade ou endurecimento de coração. A Panfília, ao contrário, é muito pobre, rudimentar e carecente de luz espiritual. Antes de ensinar em Jerusalém, o Mestre preferiu manifestar-se em Cafarnaum e noutras aldeias quasi anónimas da Galiléia.

Ante o argumento irretorquível, João absteve-se de insistir.

Dentro de poucos dias, singela embarcação deixava-os em Atália, onde Paulo e Barnabé encontraram singular encanto nas paisagens que circundavam o Cestrus.

Nessa localidade muito pobre, prégarão a Boa-Nova ao ar livre, com exito imenso. Observando no companheiro um traço superior, Barnabé como que entregara a chefia do movimento ao ex-rabino, cuja palavra, agora, sabia despertar encantadores arrebatamentos. O povo simples acolheu a pregação de Paulo, com profundo interesse. Ele falava de Jesus, como de um príncipe celestial que visitara o mundo e fôra esperar os súditos amados na esfera da glorificação espiritual. Via-se a atenção que os habitantes de Atália dispensaram ao assunto. Alguns pediram cópias das lições do Evangelho, outros procuravam obsequiar os mensageiros do Mestre com o que possuíam de melhor. Muito comovidos, recebiam as carinhosas dádivas dos novos amigos, que, quasi sempre, se constituíam de pratos de pão, laranjas ou peixe.

A permanencia na localidade trouxera novos problemas. Era indispensavel alguma actividade culinária. Barnabé, delicadamente designou o sobrinho para o mistér, mas o rapaz não conseguia disfarçar a contrariedade. Notando-lhe o constrangimento, Paulo adiantou-se, pressuroso:

— Não nos impressionemos com os problemas naturais. Procuremos restringir, doravante, as necessidades e gostos alimentares. Comeremos apenas pão, frutas, mel e peixe. Destarte, o trabalho de cozinha ficará simplificado e reduzido á preparação dos peixes assados, no que tenho grande prática, desde o meu retiro

lá no Tauros. Que João não se amofine com o problema, pois é justo que essa parte fique a meu cargo.

Não obstante a attitude generosa de Paulo, o rapaz continuou acabrunhado.

Em breve a missão alugava um barco, largando-se para Perge. Nesta cidade, de regular importancia para a região em que se localizava, anunciaram o Evangelho com imensa dedicação. Na pequena sinagoga, encheram o sabado de grande movimento. Alguns judeus e numerosos gentios, na maioria gente pobre e simples, acolheram os missionarios, cheios de júbilo. As noticias de Cristo despertaram singular curiosidade e encantamento. O modesto pardieiro alugado por Barnabé, ficava repleto de criaturas ansiosas por obter cópia das anotações de Levi. Paulo regosijava-se. Experimentava alegria indefinivel ao contacto daqueles corações humildes e simples, que lhe davam ao espirito cansado de casuística, a doce impressão de virgindade espiritual. Alguns indagavam da posição de Jesus na hierarquia dos deuses do paganismo; outros desejavam saber a razão por que haviam crucificado o Messias, sem consideração aos seus elevados títulos, como Mensageiro do Eterno. A região estava cheia de superstições e crendices. A cultura judaica restringia-se ao ambiente fechado das sinagogas. A missão, não obstante consagrar seu maior esforço aos israelitas, prégando no círculo dos que seguiam a Lei de Moisés, interessara as camadas mais obscuras do povo, em razão das curas e do convite amorofo ao Evangelho, movimento esse no qual os trabalhadores de Jesus punham todo seu empenho.

Plenamente satisfeitos, Paulo e Barnabé resolveram seguir dali mesmo para Antioquia da Pisidia. Informado a esse respeito, João Marcos não conseguiu sopitar os íntimos receios, por mais tempo, e perguntou:

— Supunha que não iríamos além da Panfília. Como pois, chegar até Antioquia? Não temos recursos para atravessar tamanhos precipícios. As florestas estão infestadas de bandidos, o rio encachoeirado não faculta o transito de barcas. E as noites? Como dormir? Essa

viagem não se pode tentar sem animais e servos, cousa que não temos.

Paulo refletiu um minuto e exclamou:

— Ora, João, quando trabalhamos para alguém, devemos fazê-lo com amor. Julgo que, anunciar o Cristo áqueles que não o conhecem em vista de suas numerosas dificuldades naturais, representa uma glória para nós. O espírito de servidão nunca atira a parte mais difícil para os outros. O Mestre não transferiu sua cruz aos companheiros. Em nosso caso, se tivéssemos muitos escravos e cavalos, não seriam eles os carregadores das responsabilidades mais pesadas, no que se refere ás questões propriamente materiais? O trabalho de Jesus, entretando, é tão grande aos nossos olhos que devemos disputar qualquer parte de sua execução aos outros, em benefício proprio.

O rapaz pareceu mais desolado. A energia de Paulo era desconcertante.

— Mas não seria mais prudente — continuou muito pálido — demandarmos Alexandria e organizar pelo menos alguns recursos mais fáceis?

Enquanto Barnabé acompanhava o diálogo com a serenidade que lhe era peculiar, o ex-rabino continuou:

— Dás demasiada importancia aos obstáculos. Já pensaste nas dificuldades que o Senhor certamente venceu para vir ter conosco? Ainda que pudesse atravessar livremente os abismos espirituais para chegar ao nosso círculo de perversidade e ignorancia, temos de considerar a muralha de lodo de nossas viscerais misérias... E tu te espantas apenas com os palmos de caminho que nos separam da Pisídia?

O jôvem calou-se, evidentemente contrariado. A argumentação era forte demais, a seus olhos, e não lhe ensinava qualquer nova objeção.

A' noite, Barnabé aproximou-se do companheiro visivelmente preocupado, expondo-lhe as intenções do sobrinho. O rapaz resolvera regressar a Jerusalém, de qualquer modo. Paulo ouviu calmamente as explicações, como quem não podia opôr qualquer embargo á decisão.

— Não poderíamos acompanhá-lo, pelo menos, até

algum ponto mais próximo do destino? — perguntou o ex-levita de Chipre, como tio solícito.

— Destino? — perguntou Paulo admirado. — Mas já temos o nosso. Desde o primeiro entendimento, planejamos a excursão á Antioquia. Não posso impedir que faças companhia ao rapaz; por mim, contudo, não devo modificar o roteiro traçado. Caso resolvas regressar, seguirei sózinho. Julgo que as empresas de Jesus têm seu momento justo de atuação. E' preciso aproveitá-lo. Se deixarmos a visita a Pisídia para o mês proximo, talvez seja tarde.

Barnabé refletiu alguns minutos, retrucando convictamente:

— Tua observação é incontestavel. Não posso quebrar os compromissos. Além do mais, João está homem e poderá voltar só. Tem o dinheiro indispensavel a esse fim, em virtude dos cuidados maternos.

— O dinheiro quando não bem aproveitado — rematou Paulo tranquilamente — sempre dissolve os laços e as responsabilidades mais santas.

A conversação terminou, enquanto Barnabé voltava a aconselhar o sobrinho altamente impressionado.

Daí a dois dias, antes de tomar a barca que o levaria á foz do Cestrus, o filho de Maria Marcos despedia-se do ex-doutor de Jerusalém com um sorriso contrafeito.

Paulo abraçou-o sem alegria e falou em tom de serena advertencia:

— Deus te abençoe e te proteja. Não te esqueças de que a marcha para o Cristo é feita igualmente por fileiras. Todos devemos chegar bem; entretanto, os que se desgarram têm de chegar bem por conta propria.

— Sim — disse o jôvem envergonhado — procurarei trabalhar e servir a Deus, de toda minha alma.

— Fazes bem e cumprirás teu dever assim procedendo — exclamou o ex-rabino convicto — lembra sempre que David enquanto esteve ocupado foi fiél ao Todo-Poderoso; mas, quando descansou, entregou-se ao adultério; Salomão, durante os serviços pesados da construção do Templo foi puro na fé; mas quando chegou

ao repouso, foi vencido pela devassidão; Judas começou bem e foi discípulo direto do Senhor, mas bastou a impressão da triunfal entrada do Mestre em Jerusalém, para que cedesse á traição e á morte. Com tantos exemplos expostos aos nossos olhos, será útil não v-nhamos nunca a descansar.

O sobrinho de Barnabé partiu, sinceramente tocado por essas palavras, que o seguiriam, de futuro, como apelo constante.

Logo após o incidente, os dois missionarios demandaram as estradas impérvias. Pela primeira vez, foram obrigados a pernoitar ao relento, no seio da natureza. Vencendo precipícios, encontraram uma gruta rochosa na qual se ocultaram, para repousar o corpo mortificado e dolorido. O segundo dia da marcha escoou-se-lhes com a coragem indomita de sempre. A alimentação constituia-se de alguns pães trazidos de Perge e frutas silvestres, colhidas ali e acolá. Resolutos e bem humorados, enfrentavam e venciam todos os óbices. De quando em vez, era indispensável ganhar a outra margem do rio, ao toparem barreiras intransponíveis. Eil-os então apalpando o alveo das torrentes, cautelosos, com longas varas verdes, ou desbravando os caminhos perigosos e ignorados.

A solidão lhes sugeria belos pensamentos. Sagrado otimismo extravasava dos menores conceitos. Ambos aflagavam carinhosas lembranças do passado afetivo e esperançoso. Como homens experimentavam todas as necessidades humanas, mas era profundamente comovedora a fieldade com que se entregavam ao Cristo, confiando ao seu amor a realização dos santificados desejos de uma vida mais alta.

Na segunda noite acomodaram-se em pequena caverna, algo distante do trilho estreito, logo após os derradeiros tons do crepúsculo. Depois de frugalíssima refeição, passaram a comentar animadamente os feitos da igreja de Jerusalém. Noite fechada e ainda suas vozes quebravam o grande silencio. Desdobrando os assuntos, passaram a falar das excelencias do Evangelho, exaltando a grandeza da missão de Jesus Cristo.

— Se os homens soubessem... — dizia Barnabé fazendo comparações.

— Todos se reuniriam em tórno do Senhor e descansariam — rematava Paulo cheio de convicção.

— Ele é o Príncipe que reinará sobre todos.

— Ninguem trouxe a este mundo riqueza maior.

— Ah! comentava o discípulo de Simão Pedro — o tesouro de que foi mensageiro engrandecerá a Terra para sempre.

E assim prosseguiam, valendo-se de preciosas imagens da vida comum para simbolizar os bens eternos, quando singular movimento lhes despertou atenção. Dois homens armados precipitaram-se sobre ambos, á fraca luz de uma tocha acêsa em resinas.

— A bolsa! — gritou um dos malfeitores.

Barnabé empalideceu ligeiramente, mas Paulo estava sereno e impassível.

— Entreguem o que têm ou morrem — exclamou o outro bandido alçando o punhal.

Olhando fixamente o companheiro, o ex-rabino ordenou:

— Dá-lhes o dinheiro que resta, Deus suprirá nossas necessidades de outro modo.

Barnabé esvasiou a bolsa que trazia entre as dobras da túnica, enquanto os malfeitores recolhiam, ávidos, a modesta quantia.

Reparando nos pergaminhos do Evangelho que os missionarios consultavam á luz da tocha improvisada, um dos ladrões interrogou desconfiado e ironico:

— Que documentos são esses? Falaveis de um príncipe opulento... Ouvimos referencias a um tesouro... Que significa tudo isso?

Com admirável presença de espirito, Paulo explicou:

— Sim, de fato, estes pergaminhos são o roteiro do imenso tesouro que nos trouxe o Cristo Jesus, que ha de reinar sobre os principes da Terra.

Um dos bandidos, grandemente interessado, examinou o rôlo das anotações de Levi.

— Quem encontrar esse tesouro — prosseguiu Paulo resolutamente — nunca mais sentirá necessidades.

Os ladrões guardaram o Evangelho cuidadosamente.

— Agradecei a Deus não vos tirarmos a vida — disse um deles.

E apagando a tocha bruxoleante, desapareceram na escuridão da noite. Quando se viram a sós, Barnabé não conseguiu dissimular o assombro.

— E agora? — perguntou com voz trêmula.

— A missão continúa bem — glosou Paulo cheio de bom ânimo — não contávamos com a excelente oportunidade de transmitir a Boa-Nova aos ladrões.

O discípulo de Pedro, admirando-se de tamanha serenidade, voltou a dizer:

— Mas levaram-nos, também, os derradeiros pães de cevada, bem como as capas...

— Haverá sempre alguma fruta na estrada — esclarecia Paulo, decidido — quanto ás coberturas, não tenhamos maior cuidado, pois não nos faltará o musgo das árvores.

E, desejoso de tranquilizar o companheiro, acrescentava:

— De fato, não temos mais dinheiro, mas julgo não será difícil conseguir trabalho com os tapeceiros de Antioquia da Pisídia. Além disso, a região está muito distante dos grandes centros e posso levar certas novidades aos colégas do officio. Essa circumstancia será vantajosa para nós.

Depois de tecerem esperanças novas, dormiram ao relento, sonhando com as alegrias do Reino de Deus.

No dia seguinte, Barnabé continuava preocupado. Interpelado pelo companheiro, confessou compungido:

— Estou resignado com a carencia absoluta de recursos materiais, mas não posso esquecer que nos subtraíram também as anotações evangélicas que possuíamos. Como recommençar nossa tarefa? Se temos de cór grande parte dos ensinamentos, não poderemos conferir todas as expressões...

Paulo, todavia, fez um gesto significativo e desabotoando a túnica, retirou alguma cousa que guardava junto do coração.

— Enganas-te, Barnabé — disse com um sorriso

otimista — tenho aqui o Evangelho que me recorda a bondade de Gamaliél. Foi um presente de Simão Pedro ao meu velho mentor, que, por sua vez, mo deu pouco antes de morrer.

O missionario de Chipre apertou nas mãos o tesouro de Cristo. O júbilo voltou a iluminar-lhe o coração. Poderiam dispensar todo o conforto do mundo, mas a palavra de Jesus era imprescindível. Vencendo obstáculos de toda sorte, chegaram a Antioquia fundamentalmente abatidos. Paulo, principalmente, a determinados momentos da noite sentia-se cansado e febril. Barnabé tinha frequentes acessos de tósse. O primeiro contacto com a natureza hostil acarretara aos dois mensageiros do Evangelho fortes desequilíbrios organicos.

Nada obstante a precária saúde, o tecelão de Tarso procurou informar-se, logo na manhã da chegada, sobre as tendas de artefatos de couro existentes na cidade.

Antioquia da Pisídia contava grande numero de israelitas. Seu movimento comercial era mais que regular. As vias públicas ostentavam lojas bem sortidas e pequenas indústrias variadas.

Confiando na Providencia Divina, alugaram um quarto muito simples, e enquanto Barnabé repousava da fadiga extrema, Paulo procurou uma das tendas indicadas por um negociante de frutas.

Um judeu de bom aspecto, cercado de três auxiliares, entre numerosas prateleiras com sandálias, tapetes e outras utilidades numerosas, atinentes á sua profissão, dirigia extensa banca de serviço. Ciente do seu nome, dado o interesse de sua indagação junto ao comerciante referido, o ex-doutor de Jerusalém chamou pelo senhor Ibrahim, sendo atendido com enorme curiosidade.

— Amigo — explicou Paulo sem rodeios — sou vosso colega de officio e, premido por necessidades urgentes, venho solicitar-vos o imenso obséquio de admitirme ás atividades da vossa tenda. Tendo de fazer longa viagem e não possuindo recurso algum, apelo para vossa generosidade, esperando favoravel acolhimento.

O tapeceiro contemplava-o com simpatia, mas, um tanto desconfiado. Espantava-se e agradava-se, simul-

taneamente, da sua franqueza e desembaraço. Depois de refletir algum tempo, respondeu algo vagamente:

— Nosso trabalho é muito escasso e, para usar de sinceridade, não disponho de capital para remunerar a muitos empregados. Nem todos compram sandálias; os arreamentos de tropa ficam á espera das caravanas que somente passam de tempos a tempos; poucos tapetes vendemos, e se não fôsem os tecidos de couro para tendas improvisadas, suponho que não teríamos o necessario para manter o negócio. Como vêdes, não seria facil arranjar-vos trabalho.

— Entretanto — tornou o ex-rabino comovido com a sinceridade do interlocutor — ousa insistir no pedido. Será tão só por alguns dias... Além do mais, ficaria satisfeito em trabalhar a troco de pão e tétó, para mim e um companheiro doente.

O bondoso Ibrahim sensibilizou-se com aquela confissão. Depois de uma pausa longa, em que o tapeceiro de Antioquia ainda hesitava entre o "sim" e o "não", Paulo rematou:

— Tão grande é a minha necessidade que insisto convosco, em nome de Deus.

— Entrai — disse o negociante, vencido pela argumentação.

Embora doente, o emissário de Cristo atirou-se ao trabalho com afã. Um velho tear foi instalado apressadamente, junto á banca cheia de facas, martelos e peças de couro.

Paulo entrou a trabalhar, tendo um olhar amigo e uma boa palavra para cada companheiro. Longe de se impôr pelos conhecimentos superiores que possuía, observava o sistema de atividade dos auxiliares de Ibrahim e sugeria novas providencias favoraveis ao serviço, com bondade, sem afetação.

Comovido pelas suas declarações sinceras, o dono da casa mandou a refeição a Barnabé, enquanto o ex-rabino vencia galhardamente as primeiras dificuldades, experimentando o júbilo de um grande triunfo.

Naquela noite, junto do companheiro de lutas, elevou a Jesus a prece do mais entranhado agradecimento.

Ambos comentaram a nova situação. Tudo ia bem, mas era necessário pensar no dinheiro indispensavel, com que atender ao aluguel do quarto.

Edificado na exemplificação do amigo, agora era Barnabé que procurava conforta-lo:

— Não importa, Jesus levará em conta a nossa boa vontade, não nos deixará ao desamparo.

No dia seguinte, quando Paulo regressou da officina, teve de esperar o companheiro, com alguma ansiedade. O mensageiro de Ibrahim, que levava a refeição de Barnabé não o havia encontrado. Após alguma inquietação, o ex-rabino abriu-lhe a porta com inexcedivel surpresa. O discípulo de Pedro parecia extremamente abatido, mas profunda alegria transbordava-lhe do olhar. Explicou que tambem ele conseguira trabalho remunerador. Empregara-se com um oleiro necessitado de operários para aproveitar o bom tempo. Abraçaram-se comovidos. Se houvessem alcançado o dominio do mundo, com a fortuna facil, não experimentariam tanto júbilo. Pequena fração de serviço honesto lhes bastava ao coração iluminado por Jesus Cristo.

No primeiro sabado de permanencia em Antioquia, os arautos do Evangelho dirigiram-se á sinagoga local. Ibrahim, satisfeitissimo com a cooperação do novo empregado, dera-lhe duas túnicas usadas, que Paulo e Barnabé envergaram com alegria.

Toda a população "temente a Deus" comprimia-se no recinto. Sentaram-se os dois no local reservado aos visitantes ou desconhecidos. Terminado o estudo e comentarios da Lei e dos Profetas, o diretor dos serviços religiosos perguntou-lhes em voz alta se desejariam dizer algumas palavras aos presentes.

De pronto, Paulo levantou-se e aceitou o convite. Dirigiu-se á modesta tribuna com atitude nobre e começou a discorrer sôbre a Lei, tomado de eloquencia sublime. O auditório, não afeito a raciocínios tão altos seguia-lhe a palavra fluente como se houvera encontrado um profeta autêntico, a espalhar maravilhas. Os israelitas não cabiam em si de contentes. Quem era aquele homem de quem se poderia orgulhar o proprio

Templo de Jerusalém? Em dado momento, contudo, as palavras do orador passaram a ser quasi incompreensíveis para todos. Seu verbo sublime anunciava um Messias que já viéra ao mundo. Alguns judeus aguçaram os ouvidos. Tratava-se do Cristo Jesus, por intermédio de quem as criaturas deveriam esperar a graça e a verdade da salvação. O ex-doutor observou que numerosas fisionomias mostravam-se contrariadas, mas a maioria escutava-o com indefinível vibração de simpatia. A relação dos feitos de Jesus, sua exemplificação divina, a morte na cruz, arrancavam lágrimas do auditório. O proprio chefe da sinagoga estava profundamente surpreendido...

Terminada a longa oração, o novo missionário foi abraçado por grande número de assistentes. Ibrahim, que acabava de conhece-lo sob novo aspecto, cumprimentou-o radiante. Eustáquio, o oleiro que déra trabalho a Barnabé, aproximou-se para as saudações, altamente sensibilizado. Os descontentes, no entanto, não faltaram. O êxito de Paulo contrariou o espírito fariseu da assembléia.

No dia immediato, Antioquia da Pisídia estava empolgada pelo assunto. A tenda de Ibrahim e a olaria de Eustáquio foram locais de grandes discussões e entendimentos. Paulo falou, então, das curas que se poderiam fazer em nome do Mestre. Uma velha tia do seu patrão foi curada de enfermidade pertinaz, com a simples imposição das mãos e as preces ao Cristo. Dois filhinhos do oleiro restabeleceram-se com a intervenção de Barnabé. Os dois emissários do Evangelho ganharam logo muito conceito. A gente simples vinha solicitar-lhes orações, cópias dos ensinios de Jesus, enquanto muitos enfeermos se restabeleciam. Se o bem estava crescendo, a animosidade contra eles tambem crescia, da parte dos mais altamente colocados na cidade. Iniciou-se o movimento contrário ao Cristo. Não obstante a continuidade das pregações de Paulo, dilatava-se, entre os israelitas poderosos, a perseguição, o apôdo e a ironia. Os mensageiros da Boa-Nova, entretanto, não desanimaram. Confortados pelos mais sinceros, fundaram a

igreja na casa de Ibrahim. Quando tudo ia bem, eis que o ex-rabino, ainda em consequencia das vicissitudes experimentadas na travessia dos pantanos da Panfilia, cái gravemente enfeermo, preocupando a todos os irmãos. Durante um mês, esteve sob a influencia maligna de uma febre devoradora. Barnabé e os novos amigos foram inexcedíveis em cuidados.

Explorando o incidente, os inimigos do Evangelho puseram-se em campo, ironizando a situação. Havia mais de três meses que os dois anunciavam o novo Reino, reformavam as noções religiosas do povo, curavam as moléstias mais pertinazes e, por que motivo o poderoso prégador não se curava a si mesmo? Fervilhavam, assim, os ditos mordazes e os conceitos deprimentes.

Os confrades, entretanto, foram de uma dedicação sem limites. Paulo foi tratado com extremos de ternura, no lar de Ibrahim, como se houvera encontrado um novo lar.

Após a convalescença, o desassombrado tecelão voltou mais alvigerado á pregação das verdades novas.

Observando-lhe a coragem, os elementos judaicos, ralados de despeito, tramaram sua expulsão sem qualquer condescendencia. Por vários meses o ex-doutor de Jerusalém lutou contra os golpes do farisaismo dominante na cidade, mantendo-se superior a calúnias e insultos. Mas, quando revelava seu poder de resolução e firmeza de ânimo, eis que os israelitas descontentes ameaçam Ibrahim e Eustáquio com a supressão de regalias e banimento. Os dois antigos habitantes de Antioquia da Pisídia eram acusados como partidarios da revolução e da desordem. Altamente comovidos, receberam a notificação de que somente a retirada de Paulo e Barnabé poderia salva-los do cárcere e da flagelação.

Os missionarios de Jesus consideram a penosa situação dos amigos e resolvem partir. Ibrahim tem os olhos razos de lágrimas. Eustáquio não consegue esconder o abatimento. Ante as interrogações de Barnabé, o ex-rabino expõe o plano das atividades futuras. Demandariam Iconio. Pregariam ali as verdades de Deus. O discípulo de Simão Pedro aprova sem hesitar.

Reunindo os irmãos em noite memorável para quantos lhe viveram as profundas emoções, os mensageiros da Boa-Nova se despedem. Por mais de oito meses haviam ensinado o Evangelho. Afrontaram zombarias e apêdos, haviam conhecido provocações bem amargas. Seus labores estavam sendo premiados pelo mundo com o banimento, como se eles fossem criminosos comuns, mas a igreja do Cristo estava fundada. Paulo falou nisso, quasi com orgulho, não obstante as lágrimas que lhe rolavam dos olhos. Os novos discípulos do Mestre não deveriam estranhar as incompreensões do mundo, mesmo porque, o proprio Salvador não escapara á cruz da ignominia, acrescentando que a palavra "cristão" significava seguidor do Cristo. Para descobrir e conhecer as sublimidades do Reino de Deus era preciso trabalhar e sofrer sem descanso.

A assembléia afetuosa, por sua vez, acolheu as exortações, lavada em lágrimas.

Na manhã imediata, munidos de uma carta de recomendação de Eustáquio e carregando vasta provisão de pequeninas lembranças dos companheiros de fé, puseram-se a caminho, intrépidos e felizes.

O percurso excedente a cem quilômetros foi difícil e doloroso, mas os pioneiros não se detiveram na consideração de qualquer obstáculo.

Chegados á cidade, apresentaram-se ao amigo de Eustáquio, de nome Onesiforo. Recebidos com generosa hospitalidade, no sabado immediato, antes mesmo de fixar-se no trabalho profissional, Paulo foi expôr os objetivos de sua passagem pela região. A estréia na sinagoga provocou animadas discussões. O elemento político da cidade constituia-se de judeus ricos e instruidos na Lei de Moisés; contudo, os gentios representavam, em grande número, a classe média. Estes últimos, receberam a palavra de Paulo com profundo interesse, mas os primeiros desfecharam grande reação logo de início. Houve tumultos. Os orgulhosos filhos de Israel não podiam tolerar um Salvador que se entregara, sem resistência, á cruz dos ladrões. A palavra do Apóstolo, entretanto, alcançara tão grande favor público que os

gentios de Icônio ofereceram-lhe um vasto salão para que lhes fosse ministrado o ensinamento evangélico, todas as tardes. Queriam notícias do novo Messias, interessavam-se pelos seus menores feitos e por suas maximas mais simples. O ex-rabino aceitou o encargo, cheio de gratidão e simpatia. Diariamente, terminada a tarefa comum, compacta multidão de iconienses aglomerava-se ansiosa por lhe ouvir o verbo vibrante. Dominando a administração, os judeus não tardaram em reagir, mas foi inutil a tentativa de intimidar o prégador com as mais fortes ameaças. Ele continuou prégando intrépida, desassombradamente. Onesiforo, a seu turno, dáva-lhe mão forte e, dentro em pouco, fundava-se a igreja em sua propria casa.

Os israelitas mantinham viva a idéia da expulsão dos missionários, quando um incidente ocorreu em seu auxilio.

E' que uma jóvem noiva, ouvindo involuntariamente as prégações do apóstolo dos gentios, diariamente penetrava no salão em busca de novos ensinamentos. Enlevada com as promessas do Cristo e sentindo extrema paixão pela figura empolgante do orador, fanatizara-se lamentavelmente, esquecendo os deveres que a prendiam ao noivo e á ternura maternal. Tecla, que assim se chamava, não mais atendia aos laços sacrosantos que deveria honrar no ambiente doméstico. Abandonou o trabalho diuturno para esperar o crepúsculo, com ansiedade. Teóclia, sua mãe, e Tamiris, o noivo, acompanhavam o assunto com desagradavel surpresa. Atribuiam a Paulo semelhante desequilíbrio. O ex-doutor, por sua vez, estranhava a attitude da jóvem que, diariamente, insinuava-se com perguntas, olhares e momices singulares.

Certa vez, quando se dispunha a voltar para casa de Onesiforo, em companhia de Barnabé, a moça lhe pediu uma palavra em particular.

Ante suas perguntas atenciosas, Tecla córava, gaguejando:

— Eu... eu...

— Dize, filha, — murmurou o Apóstolo um tanto

preocupado — deves considerar-te em presença de um pai.

— Senhor — conseguiu dizer ofegante — não sei porque tenho recebido grande impressão com a vossa palavra.

— O que tenho ensinado — esclareceu Paulo — não é meu; vem de Jesus que nos deseja todo o bem.

— De qualquer modo, porém — disse ela com mais timidez — amo-vos muito!...

Paulo assustou-se. Não contava com semelhante declaração. A expressão "amo-vos muito" não era articulada em tom de fraternidade pura, mas com laivos de particularismo que o Apóstolo percebeu sobremaneira impressionado. Depois de meditar muito na situação imprevista, respondeu convicto:

— Filha, os que se amam em espírito, unem-se em Cristo para a eternidade das emoções mais santas; mas, quem sabe estás amando a carne que vai morrer?

— Tenho necessidade da vossa afeição — exclamou a jovem de olhar lacrimoso.

— Sim — esclareceu o ex-rabino — mas nós ambos temos necessidade da afeição de Cristo. Sómente amparados nele poderemos experimentar algum ânimo em nossas fraquezas.

— Não poderei esquecer-vos — soluçou a moça — despertando-lhe compaixão.

Paulo ficou pensativo. Recordou a mocidade. Lembrou os sonhos que tecera ao lado de Abigail. Num minuto, seu espírito devassou um mundo de suaves e angustiosas reminiscências; e como se voltasse de um misterioso país de sombras, exclamou como se falasse consigo mesmo:

— Sim, o amor é santo, mas a paixão é venenosa. Moisés recomendou que amassemos a Deus acima de tudo; e o Mestre acrescentou que nos amassemos uns aos outros, em todas as circunstâncias da vida...

E, fixando os olhos agora muito brilhantes, na jovem que chorava, exclamou quasi acrimonioso:

— Não te apaixones por um homem feito de lodo e de pecado, e que se destina a morrer!...

Tecla ainda não voltara a si da propria surpresa, quando o noivo desolado penetrou no recinto deserto. Tamiris faz as primeiras objeções em grandes brados, ao passo que o mensageiro da Boa Nova lhe ouve as reprimendas com grande serenidade. A noiva replica mal humorada. Reafirma sua simpatia por Paulo, expõe francamente as intenções mais íntimas. O rapaz escandaliza-se. O Apóstolo espera pacientemente que o noivo o interrogue. E quando convocado a justificar-se explica em tom fraternal:

— Amigo, não te acabrunhes nem te exaltes, em face dos sucessos que se originam de profundas incompreensões. Tua noiva está simplesmente enferma. Estamos anunciando o Cristo, mas o Salvador tem os seus inimigos ocultos em toda parte, como a luz tem por inimiga a treva permanente. Mas a luz vence a treva de qualquer natureza. Iniciamos o labor missionario nesta cidade, sem grandes obstáculos. Os judeus nos ridiculizam e todavia nada encontraram em nossos atos que justifique a perseguição declarada. Os gentios nos abraçam com amor. Nosso esforço desenvolve-se pacificamente e nada nos induz ao desanimo. Os adversários invisíveis, da verdade e do bem, certo lembraram-se de influenciar esta pobre criança, por fazê-la instrumento perturbador de nossa tarefa. E' possível que não me compreendas de pronto; no entanto, a realidade não é outra.

Tamiris, contudo, deixando entrever que padecia da mesma influencia perniciosa, bradou enraivecido:

— Sois um feiticeiro imundo! esta é que é a verdade. Mistificador do povo simplorio e rude, não passais de réles sedutor de moças impressionáveis. Insultais uma viúva e um homem honesto, qual sou, insinuando-vos no espírito fragil de uma orfã de pai!...

Espumava de cólera. Paulo ouviu-lhe as diatribes, com grande presença de espírito.

Quando o moço cansou de esbravejar, o Apóstolo tomou o manto, fez um gesto de despedida e acentuou:

— Quando somos sinceros, estamos em repouso in-

vulneravel; mas cada um aceita a verdade como pode. Pensa, pois, e entende como puderes.

El abandonou o recinto para ir ter com Barnabé.

Os parentes de Tecla, porém, não descansaram em face do que consideravam um ultraje. Na mesma noite, valendo-se do pretexto, as autoridades judaicas de Iconio ordenaram a prisão do emissário da Boa-Nova. A fileira dos descontentes afluíu á porta de Onesiforo, vociferando improperios. A-pesar-da interferencia dos amigos, Paulo foi arrastado ao cárcere, onde soffreu o suplicio dos trinta e nove açoites. Acusado como sedutor e inimigo das tradições da familia, ao demais blasfemo e revolucionario, foi indispensavel muita dedicação dos confrades recém convertidos para restituir-lhe a liberdade.

Depois de cinco dias de prisão com severos castigos, Barnabé recebeu-o exultante de alegria.

O caso de Tecla revestira proporções de grande escandalo, mas o Apóstolo, na primeira noite de liberdade reuniu a igreja doméstica, fundada com Onesiforo e esclareceu a situação, para conhecimento de todos.

Barnabé considerou impossivel ali ficarem por mais tempo. Novo atrito com as autoridades poderia prejudicar-lhes a tarefa. Paulo, entretanto, mostrava-se bastante resolutu. Se preciso, voltaria a prégar o Evangelho na via pública, revelando a verdade aos gentios, já que os filhos de Israel se compraziam nos desvios clamorosos.

Chamado a opinar, Onesiforo ponderou a situação da pobre moça, transformada em objeto da ironia popular. Tecla era noiva e orfã de pai. Tamiris havia criado a lenda de que Paulo não passava de poderoso feiticeiro. Se, na qualidade de noiva, ela fôsse encontrada novamente junto do apóstolo, mandava a tradição que fôsse condenada á fogueira.

Ciente das superstições regionais, o ex-rabino não hesitou um minuto. Deixaria Iconio, no dia immediato. Não que capitulasse diante do inimigo invisivel, mas porque a igreja estava fundada e não era justo cooperar no martirio moral de uma criança.

A decisão do apóstolo mereceu aprovação geral. Assentaram-se as bases para a continuação do aprendizado evangélico. Onesiforo e os demais irmãos assumiram o compromisso de velar pelas sementes recebidas como dádiva celestial.

No curso das conversações, Barnabé estava pensativo. Para onde iriam? Não seria justo pensar na volta? As dificuldades avultavam dia a dia e a saúde de ambos, desde a internação nas margens do Cestrus era muito inconstante. O discípulo de Pedro, contudo, conhecendo o ânimo e o espirito de resolução do companheiro, esperou pacientemente que o assunto aflorasse espontanea e naturalmente.

Em socorro dos seus cuidados, um dos amigos presentes interrogou Paulo com vivacidade.

— Quando pretendem partir?

— Amanhã — respondeu o Apóstolo.

— Mas, não será melhor repousar alguns dias? Tendes as mãos inchadas e o rosto ferido pelos açoites.

O ex-doutor sorriu e falou prazenteiro:

— O serviço é de Jesus e não nosso. Se cuidarmos muito de nós mesmos, nesse capítulo de sofrimentos, não daremos conta do recado; e se paralisarmos a marcha nos lances dificeis, ficaremos com os tropeços e não com o Cristo.

Seus argumentos pitorescos e concludentes espalhavam uma atmosfera de bom humor.

— Voltareis á Antioquia? — perguntou Onesiforo com atenção.

Barnabé aguçou os ouvidos para conhecer detalhadamente a resposta, enquanto o companheiro retrucava:

— Certo que não: Antioquia já recebeu a Boa Nova da redenção. E a Licaonia?

Olhando agora para o ex-levita de Chipre, como a solicitar a sua aprovação, acentuava:

— Marcharemos para a frente. Não estás de acôrdo, Barnabé? Povos da região precisam do Evangelho. Se estamos tão satisfeitos com as notícias de Cristo, por que nega-las aos que necessitam do batismo da verdade e da nova fé?!...

O companheiro fez um sinal afirmativo e concordou, resignado:

— Sem dúvida. Iremos para a frente; Jesus nos auxiliará.

E os presentes passaram a comentar a posição de Listra, bem como os costumes interessantes da sua gente simples. Onesiforo tinha lá uma irmã viúva, por nome Loide. Daria uma carta de recomendação aos missionários. Seriam hóspedes de sua irmã, durante o tempo que precisassem.

Os dois pregadores do Evangelho rejubilaram-se. Principalmente Barnabé não cabia em si de contentamento, afastando a idéa triste de ficarem completamente isolados.

No dia seguinte, sob comovidos adeuses, os missionários tomavam a estrada que os conduziria ao novo campo de lutas.

Após viagem penosíssima, chegaram á pequena cidade, num crepúsculo pardacento. Estavam exaustos.

A irmã de Onesiforo, no entanto, foi pródiga em gentilezas. Velha viúva de um grego abastado, Loide morava em companhia de sua filha Eunice, igualmente viúva, e de seu neto Timóteo, cuja intelligencia e generosos sentimentos de menino constituíam o maior encanto das duas senhoras. Os mensageiros da Boa Nova foram recebidos nesse lar com inequívocas provas de simpatia. O inexcedível carinho dessa familia foi um bálsamo confortador para ambos. Conforme seu hábito, Paulo referiu-se na primeira oportunidade ao desejo imenso de trabalhar, durante o tempo de sua permanencia em Listra, de modo a não se tornar passível de maledicencia ou critica, mas a dona da casa opôs-se terminantemente. Seriam seus hóspedes. Bastava a recomendação de Onesiforo para que ficassem tranquilos. Além disso, explicava: Listra era uma cidade muito pobre, possuía apenas duas tendas humildes, mas onde nunca se faziam tapetes.

Paulo estava muito sensibilizado com o acolhimento carinhoso. Na mesma noite da chegada, observou a ternura com que Timóteo, tendo pouco mais de treze

anos, tomava os pergaminhos da Lei de Moisés e os Escritos Sagrados dos Profetas. Deixou o apóstolo que as duas senhoras comentassem as revelações em companhia do menino, até que fôsse chamado a intervir. Quando tal se deu, aproveitou o ensejo para fazer a primeira apresentação de Cristo ao coração enlevado dos ouvintes. Tão logo começou a falar, observou a profunda impressão das duas mulheres, cujos olhos brilhavam enternecidos; mas o pequeno Timóteo ouvia-o com tais demonstrações de interesse que, muitas vezes, lhe acariciou a fronte pensativa.

Os parentes de Onesiforo receberam a Boa Nova com júbilos infinitos. No dia immediato não se falou de outra cousa. O rapaz fazia interrogações de toda a especie. O Apóstolo, porém, atendia-o com alegria e interesse fraternais.

Durante três dias os missionários entregaram-se a caricioso descanso das energias físicas. Paulo aproveitou a ocasião para conversar largamente com Timóteo, junto do grande curral onde as cabras se recolhiam.

Sómente no sabado, procuraram tomar contacto mais íntimo com a população. Listra estava cheia das mais estranhas lendas e crendices. As familias judaicas eram muito raras e o povo simplorio aceitava como verdades todos os simbolos mitológicos. A cidade não possuía sinagoga, mas um pequeno templo consagrado a Júpiter, que os camponeses aceitavam como o pal absoluto dos deuses do Olimpo. Havia um culto organizado. As reuniões efetuavam-se periodicamente, os sacerdotes eram numerosos.

Numa praça nua movimentava-se o mercado parco, pela manhã.

Paulo compreendeu que não encontraria melhor local para o primeiro contacto directo com o povo.

Do cimo de uma tribuna improvisada de pedras superpostas, começou a prgação em voz forte e comovedora. Os populares aglomeravam-se de súbito. Alguns surgiam das casas pacíficas, para verificar o motivo do compacto ajuntamento. Ninguém se lembrou das

aquisições de carne, de frutas, de verduras. Todos queriam ouvir o desconhecido forasteiro.

O apóstolo falou, primeiramente, das profecias que haviam anunciado a vinda do Nazareno e, em seguida, passou a relatar os feitos de Jesus entre os homens. Pintou a paisagem da Galiléia com as cores mais brilhantes do seu genio descritivo, falou da sua humildade e da sua abnegação. Quando se referia ás curas prodigiosas que o Cristo realizara, notou que um pequeno grupo de assistentes lhe dirigiam chufas. Inflamado de fervor na sua parenética, Paulo recordou o dia em que vira Estevam curar uma jóvem muda, em nome do Senhor.

Crente de que o Mestre não o desampararia, passou o olhar pela turba numerosa. A' distancia de alguns metros enxergou um mendigo miseravel, que se arrastava penosamente. Impressionado com o discurso evangélico, o aleijado de Listra aproximou-se, bracejando no solo e, sentando-se com dificuldade, fixou os olhos no prégador que o observava sumamente comovido.

Renovando os valores da sua fé, Paulo contemplou-o com energia e falou com autoridade:

— Amigo, em nome de Jesus, levanta-te!

O misero, olhos fixos no apóstolo, levantou-se com facilidade, enquanto a multidão dava gritos, surpreendida. Alguns recuaram aterrados. Outros procuraram o vulto de Paulo e o de Barnabé, contemplando-os, deslumbrados e satisfeitos. O aleijado começou a saltar de alegria. Conhecido na cidade, de longa data, a cura prodigiosa não deixava a menor dúvida.

Muitas pessoas se ajoelharam. Outras correram aos quatro cantos de Listra para anunciar que o povo havia recebido a visita dos deuses. A praça encheu-se em poucos minutos. Todos queriam ver o mendigo reintegrado nos seus movimentos livres. Espalhou-se o successo, rapidamente. Barnabé e Paulo eram Jupiter e Mercúrio descidos do Olimpo. Os apóstolos, jubilosos com a dádiva de Jesus, mas, profundamente surpreendidos com a attitude dos licónios, perceberam logo o mal-entendido. Em meio do respeito geral, Paulo subiu

de novo á tribuna improvisada, explicando que ele e o companheiro eram simples criaturas mortais e realçando a misericórdia de Cristo, que se dignara ratificar a promessa do Evangelho, naquele minuto inesquecível. Debalde, porém, multiplicava os seus esclarecimentos. Todos lhe ouviam a palavra genuflexos, em attitude estática. Foi aí que um velho sacerdote, paramentado segundo os hábitos da época, surgiu inesperadamente conduzindo dois bois engrinaldados de flores, com ademanos e mesuras solenes. Em voz alta, o ministro de Júpiter convida o povo ao cerimonial do sacrificio aos deuses vivos.

Paulo percebe o movimento popular e descendo ao centro da praça grita com toda fôrça dos pulmões, abrindo a túnica na altura do peito:

— Não cometaes sacrilégios!... não somos deuses!... Vêde!... somos simples criaturas de carne!...

Seguido de perto por Barnabé, arrebatada das mãos do velho sacerdote a delicada trança de couro que prendia os animais, soltando os dois touros pacíficos, que se puseram a devorar as verdes coroas.

O ministro de Júpiter quis protestar, calando-se em seguida, muito desapontado. E entre os mais extravagantes comentários, os missionários bateram em retirada, ansiosos por um local de oração, onde pudessem elevar a Jesus seus votos de alegria e reconhecimento.

— Grande triumpho! — disse Barnabé quasi orgulhoso. — As dádivas de Cristo foram numerosas, o Senhor lembra-se de nós!...

Paulo ficou pensativo e redarguiu:

— Quando recebemos muitos favores, precisamos pensar nos muitos testemunhos. Penso que experimentaremos grandes provações. Aliás, não devemos esquecer que a vitória da entrada do Mestre em Jerusalém precedeu os supplicios da cruz.

O companheiro, considerando o elevado sentido daquelas afirmações, entrou a meditar em profundo silencio.

Loide e a filha estavam radiantes. A cura do aleijado conferia aos mensageiros da Boa-Nova singular

situação de evidencia. Paulo valeu-se da oportunidade para fundar o primeiro nucleo do cristianismo na pequena cidade. As providencias iniciais foram tomadas na residencia da generosa viúva, que pôs á disposição dos missionarios todos os recursos ao seu alcance.

Tal como em Néa-Paphos, estabeleceram num casebre muito humilde a séde das atividades de informações e de auxilio. Em lugar de João Marcos, era o pequeno Timóteo quem auxiliava em todos os mistéres. Numerosas pessoas copiavam o Evangelho, durante o dia, enquanto os enfêrmos acorriam de toda a parte, carecidos de immediata assistencia.

Nada obstante um tal exito, crescia igualmente a animosidade de uns tantos contra a nova doutrina.

Os poucos judeus de Listra deliberaram consultar as autoridades de Icônio, relativamente aos dois desconhecidos. E foi isso o bastante para que se turvassem os horizontes. Os comissionarios regressaram com um acervo de noticias ingratas. O caso de Tecla era pintado a cores negras. Paulo e Barnabé eram acusados de blasfemos, feiticeiros, ladrões e sedutores de mulheres honestas. Paulo, principalmente, era apresentado como revolucionario temivel. O assunto, em Listra, foi discutido "intra muros". Os administradores da cidade convidaram o sacerdote de Júpiter a entrar na campanha contra os embusteiros e, com a mesma facilidade com que haviam acreditado na sua condição de deuses, passaram todos a atribuir aos prégadores as maiores perversões. Combinaram-se providencias criminosas. Desde a chegada dos dois desconhecidos, que falavam em nome de um novo profeta, Listra vivia sobressaltada por idéias diferentes. Era preciso coibir os abusos. A palavra de Paulo era audaciosa e requeria corretivo eicaz. Finalmente, deliberaram que o fogoso prégador fôsse apedrejado na primeira ocasião que falasse em público.

Ignorando o que se tramava, o Apóstolo dos gentios, deixando Barnabé acamado por excesso de trabalho, fez-se acompanhar do pequeno Timóteo, no sabado immediato ao entardecer, até a praça pública onde, mais uma

vez, anunciaria as verdades e promessas do Evangelho do Reino.

O logradouro apresentava movimento invulgar. O prégador notou a presença de muitas fisionomias suspeitas e absolutamente desconhecidas. Todos lhe acompanhavam os mínimos gestos com evidente curiosidade.

Com a maxima serenidade, subiu á tribuna e começou a falar das glórias eternas que o Senhor Jesus havia trazido á Humanidade sofredora. No entanto, mal não havia iniciado o sermão evangélico quando, aos gritos furiosos dos mais exaltados, começaram a chover as pedras em barda.

Paulo recordou subitamente a figura inesquecível de Estevam. Certo, o Mestre lhe reservara o mesmo genero de morte, para que se redimisse do mal infligido ao mártir da igreja de Jerusalém. Os pequenos e duros granizos caíam-lhe nos pés, no peito, na frente. Sente o sangue a escorrer-lhe da cabeça ferida e ajoelha-se, sem uma queixa, rogando a Jesus que o fortaleça no angustioso transe.

Nos primeiros momentos, Timóteo aterrado pôe-se a gritar, suplicando socorro; mas um homem de braços atleticos, aproxima-se cauto e murmura-lhe no ouvido:

— Cala-te se queres ser util!...

— E's tu, Galo? — exclamou o pequeno de olhos lacrimosos, experimentando certo confôrto em reconhecer um rosto amigo no pandemonio em que se via.

— Sim — disse o outro baixinho — aqui estou para socorrer o Apóstolo. Não posso esquecer que ele curou minha mãe.

E olhando o movimento da turba criminoso, acrescentou:

— Não temos tempo a perder. Não tardará que o levem ao monturo. Se tal se der, procura seguir-nos com um pouco de água. Se o missionário não succumbir, prestarás os primeiros socorros, até que eu consiga prevenir a tua mãe!...

Separaram-se immediatamente. Ralado de aflicção, o rapaz viu o prégador de joelhos, olhos fitos no céu, num transporte inesquecível. Filetes de sangue desciam-

lhe da frente fraturada. Em dado momento, a cabeça pendeu e o corpo tombou desamparado. A multidão parecia tomada de assombro. Prevalecendo-se da situação em que não se observavam diretrizes prévias, Gaio insinuou-se. Aproximou-se do Apóstolo inerte, fez um gesto significativo para o povo e bradou:

— O feiticeiro está morto!...

Sua figura gigantesca despertara as simpatias da turba inconciente. Estrugiram aplausos. Os que haviam promovido o nefando atentado desapareceram. Gaio compreendeu que ninguém ousava assumir a responsabilidade individual. Em estranhas vibrações, bradavam os mais perversos:

— Fóra das portas!... fóra das portas!... Feiticeiro ao monturo!... Feiticeiro ao montu...u...ro!...

O amigo de Paulo disfarsando a comiseração com gestos de ironia, falou á multidão satisfeita:

— Levarei os despojos do bruxo!

A turba fez um alarido ensurdecedor e Gaio procurou arrastar o missionário com a cautela possível. Atravessaram vielas extensas, em grita, até que, atingindo um local deserto, um tanto distante dos muros de Listra, deixaram Paulo semi-morto, na montureira do lixo.

O latagão inclinou-se, como a verificar a morte do apedrejado e observando, cuidadosamente, que ainda vivia, gritou:

— Deixemo-lo aos cães, que se incumbirão do resto! E' preciso celebrar o feito com algum vinho!...

El seguindo o líder daquela tarde, a multidão bateu em retirada, enquanto Timóteo se aproximava do local, valendo-se das sombras da noite que começava a fechar-se. Correndo a um poço mofino, não muito distante, que se destinava á serventia pública, o pequeno encheu o gorro impermeavel de agua pura, prestando os primeiros socorros ao ferido. Banhado em lágrimas, notou que Paulo respirava com dificuldade, como se houvesse mergulhado em profundo desmaio. O jóvem listrense assentou-se ao seu lado, banhou-lhe a testa ferida com extremos de carinho. Mais alguns minutos e o apóstolo

voltava a si para examinar a situação. Timóteo o informou de tudo. Muito compungido, o Apóstolo agradeceu a Deus, pois reconhecia que somente a misericórdia do Altíssimo poderia ter operado o milagre, por sequestralo aos propositos criminosos da turba inconciente.

Decorridas duas horas, três vultos silenciosos aproximavam-se. Muito aflito, Barnabé deixara o leito, não obstante o estado febril, para acompanhar Loide e Eunice, que, avisadas por Gaio, acorriam com os primeiros socorros.

Todos renderam graças a Jesus, enquanto Paulo tomava pequena dóse de vinho reconfortador. Organização espiritual poderosa, apesar-das sevícias físicas, o tecelão de Tarso levantou-se e regressou á casa com os amigos, levemente amparado por Barnabé, que lhe oferecera o braço amigo.

O resto da noite passou-se em conversações carinhosas. Os dois emissários da Boa-Nova temiam agressão do povo ás generosas senhoras que os haviam hospedado e socorrido. Era preciso partir, para evitar maiores incômodos e complicações.

Em vão a palavra de Loide se fez ouvir, procurando dissuadir os pregoeiros do Cristo; debalde Timóteo beijou as mãos de Paulo e lhe pediu que não partisse. Receosos de mais tristes consequencias, depois de coordenarem as instruções necessárias á igreja nascente, transpuseram as portas da cidade ao amanhecer, em direção á Derbe, que ficava algo distante.

Depois de penosa caminhada, atingiram o novo setor de trabalho, onde haveriam de estagiar mais de um ano. Embora entregues ao trabalho manual, com que ganhavam o pão da vida, os dois companheiros precisaram de seis meses para restabelecer a saude comprometida. Como tecelão e oleiro anónimos, Paulo e Barnabé deixaram-se ficar em Derbe longo tempo, sem despertar a curiosidade pública. Só depois de refeitos dos abalos sofridos, recommçaram a Boa-Nova do Reino de Jesus. Visitando os arredores, provocaram grande interesse da gente simples, pelo Evangelho da redenção.

Pequenas comunidades cristãs foram fundadas em ambiente de muitas alegrias.

Após muito tempo de labor, resolveram regressar ao núcleo original do seu esforço. Vencendo etapas difíceis, visitaram e encorajaram todos os irmãos escalonados nas diversas regiões da Licaônia, Galácia e Panfília.

De Perge desceram à Atália, de onde embarcaram com destino à Seleucia e dali ganharam Antióquia.

Ambos haviam experimentado a dificuldade dos serviços mais rudes. Muita vez se viram perplexos com os problemas intrincados da empresa: em troca da dedicação fraternal haviam recebido remoques, açoites e acusações pífidas; e contudo, através do abatimento físico e dos gélidos, irradiavam ondas invisíveis de intenso júbilo espiritual. E' que, entre os espinhos da estrada escabrosa, os dois companheiros desassombrados mantinham ereta a cruz divina e consoladora, espalhando a mancheias as sementes benditas do Evangelho de Redenção.

## V

## LUTAS PELO EVANGELHO

O regresso de Paulo e Barnabé foi assinalado em Antioquia com imenso regosijo. A comunidade fraternal admirou, profundamente comovida, o feito dos irmãos que haviam levado a regiões tão pobres, e distantes, as sementes divinas da verdade e do amor.

Por muitas noites consecutivas, os recém-chegados apresentaram o relatório verbal de suas atividades, sem omitir um detalhe. A igreja antioquina vibrou de alegria e rendeu graças ao céu.

Os dois dedicados missionários haviam voltado em uma época de grandes dificuldades para a instituição. Ambos perceberam-nas, contristados. As contendas de Jerusalém estendiam-se a toda a comunidade de Antioquia; as lutas da circuncisão estavam acesas. Os próprios chefes mais eminentes estavam divididos pelas afirmativas dogmáticas. Tão alto grau atingiram os discrímes que as vozes do Espírito Santo não mais se manifestavam. Manahen, cujos esforços na igreja eram indispensáveis, mantinha-se á distancia, em vista das discussões estéreis e venenosas. Os irmãos achavam-se extremamente confusos. Uns eram partidários da circuncisão obrigatória, outros batiam-se pela independência irrestrita do Evangelho. Eminentemente preocupado, o prégador tarsense observou as polemicas furiosas, a respeito de alimentos puros e impuros.

Tentando estabelecer a harmonia geral em tórno dos ensinamentos do Divino Mestre, Paulo tomava inutil-